

Handwritten names in various colors and fonts, including: Vera, Mila, Sautchik, Lutes, Manda, Ribero, Rono, Silva, Montano, Riquelme, Fabiano, Anestor, Mauricio, Tavares, and others. The names are arranged in a dense, overlapping pattern.



"Assim tudo é
tragado pela
cobiça."
Karl Marx

俳句
90B

Mila Sautchik

9º ano B - 2016

CONTOS DE AGORA E OUTRORA



Sumário

APRESENTAÇÃO	
VALEU A PENA Ana Clara Moreno Seixas	6
NATUREZA André Mustafá Campos	8
O ÚLTIMO MINUTO Antonio Mantovani	11
DIREÇÕES Antonio Mattos Levorin	15
NÃO ESTAVA LÁ Daniel Vianna Godinho Peria	18
A FORÇA DO PRECONCEITO Eric Schmitz Boccia	20
SOB O RUFAR DOS TAMBORES Fábio Adorno Constantino	22
A MINHA CHUTEIRA ESQUERDA Francisco Marcondes de Godoy Costa	26
TRIN TRIN Lina Toledo Barreto	30
SOLIDÃO Luísa Fontes Pedra	33
A ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA Maria Clara Berni Fernandes	36
PAIXÃO EM COMUM Matheus Paulelli Gandolfo	39
PROPOSTA INESPERADA Miguel Roxo Veloso Franciosi	41
UM BELO GOL Mila Oda Mercadante	44

UMA VIAGEM INESPERADA	
Pedro Bueloni Silva	47
SONHO	
Pedro Oliveira e Telles	50
O DIA D	
Pedro Rosso Chamelet	54
A ÚLTIMA BRIGA NO CARRO	
Pedro Siqueira Ribeiro	56
PARA QUE RUMO DEVE IR MINHA VIDA?	
Raquel Liberman Lopes da Silva	58
O RETORNO TENSO	
Rodrigo Lublinski Tavares	60
NADA SE COMPARA	
Sofia de Oliveira Farias	62
UMA TERRÍVEL TRAGÉDIA	
Sophia Guimarães Vasconcelos	66
A PRIMEIRA VEZ DE MUITAS	
Thomas Markus Sautchuk	71
MELHOR AMIGO DO HOMEM	
Thomas Michael Cruz Lutes	74
MINHA PRIMEIRA MORTE	
Tiago de Almeida Chadarevian	76
DING DONG	
Valentina Andreatta Dutton	78
SER IGUAL É DIFERENTE	
Veronica Bagnoli D'Amore	83
O ESTRONDOSO SILÊNCIO	
Victor Augusto Pires Danilevicz	86
CRÉDITOS	

APRESENTAÇÃO

Neste epub estão reunidas obras autorais dos alunos do 9º ano, desenvolvidas durante o projeto *Contos de agora e outrora*, da área de Língua Portuguesa. As histórias se baseiam em uma experiência marcante da juventude do personagem protagonista.

Em respeito ao trabalho de produção e revisão dos alunos, e tendo em vista o limite das possibilidades de cada um deles, os textos foram reproduzidos integralmente após a última versão corrigida pela professora.

Marilda Cabral

Setembro de 2016

VALEU A PENA

Ana Clara Moreno Seixas

Meus pais e eu tínhamos acabado de chegar em um hotel super conhecido em Ilha Bela. Estava na expectativa de encontrar uma galera da minha idade.

O hotel era super transado com uma iluminação que, aparentemente, demonstrava pontos de encontros e festas. Já fiquei animada!

Logo que sentamos para jantar tive minha primeira decepção. Estava rodeada de casais jantando à luz de velas. Havia um casal na mesa ao lado que tinha acabado de ficar noivos, e adivinha pra quem sobrou tirar as fotos do momento meloso com os celulares dos dois? Sim, euzinha aqui.

Já o café - da - manhã era servido num local “pé na areia”. Rodeado de árvores. Sentia-me entre o filme do Sherk e da Branca de Neve, com a invasão de vários passarinhos. Eles se aproximavam com cautela, hesitavam quando pousavam na mesa à procura de farelos e migalhas que deixávamos cair. E acredite, eram as criaturas com a idade mais próxima a minha, pois olhei ao redor e não vi ninguém da minha idade.

Eis que se aproximou um casal de irmãos um pouco mais velhos que eu. Joguei toda minha simpatia, conversa fora, mas eles estavam mais interessados em ficar de olho no celular do que em mim. Então mais uma frustração...

Mas foi na hora do almoço, pouco antes de voltar para casa, que vi no reflexo do óculos da minha mãe, que estava na minha frente, dois caras tatuados dos pés à cabeça. Virei-me imediatamente para ver quem eram, mas eles mergulharam na piscina. Para minha surpresa vi uma quantidade de meninos e meninas da minha idade em volta deles, aguardando os dois saírem de lá. Ao mesmo tempo, ouvia pessoas cantando trechos de algumas músicas tentando identificar para o outro de quem se tratava.

Para mim, não havia mais dúvida, era o próprio, Mc Guimê, em carne e osso, ou melhor, mais osso do que carne. Ele estava rodeado por essa galera que pedia autógrafos e selfs sem parar.

De repente, os seguranças os levaram para um lugar mais reservado.

Fiquei muito triste, pois perdi a oportunidade de também ganhar uma foto e um autógrafo. Ele, sua namorada enfezada pelo assédio e sua banda haviam desaparecido. Achei que tivesse perdido a oportunidade de salvar a minha viagem. Para minha surpresa, eles foram encaminhados para a mesa do lado. Ele olhou pra mim e percebendo que eu estava emocionada e não estava invadindo sua privacidade, tirou uma self e autografou um guardanapo de papel que estava sobre a mesa. Valeu!

NATUREZA

André Mustafá Campos

Em uma viagem para a África do Sul, Carlos, 33, já muito aventureiro, foi se arriscar nos safaris de Zimbábue com expectativas de tirar fotos incríveis de animais.

Chegando no hotel, Carlos ficou impressionado com a qualidade das instalações, eram rústicas e mal arrumadas. Ele iria ficar uma semana nesse lugar e, apesar das instalações serem ruins, o safari era um dos melhores da África, pois fazia passeios noturnos e isso era perfeito para ele tirar suas fotos. Na noite em que ele chegou, estava exausto. No dia seguinte, acordou disposto para fazer todos os passeios, então tomou café e aproveitou a disponibilidade para fazer a jornada de manhã, outra à tarde e, com todo o seu entusiasmo, acabou se aventurando no safari da noite.

Nesse safari havia poucos passageiros no jipe. Um ranger, o instrutor, ficava na frente sentado no capô e outro dirigindo. O ranger que ficava no capô procurava os animais e as pegadas. Teve uma hora que avistaram algumas pegadas e quando estavam chegando perto do animal, não identificado ainda, o jipe quebrou. Todos entraram em desespero e começaram a gritar. O som ecoava na noite o que fazia o momento ficar ainda mais tenso.

Em um impulso heróico, Carlos decidiu ir buscar ajuda. Pegou sua câmera, seu cantil e saiu na direção do hotel. Os rangers e os passageiros chamaram seu nome, mas foi inútil. Ele, rapidamente, adentrou na mata, guiado pela sua lanterna e, após 10 minutos no

seu caminho, avistou um par de olhos brilhantes bem na sua frente. Carlos, rapidamente, pegou sua câmera e disparou clicks sem parar, o que fez com que o animal fugisse para bem longe dele.

Continuou seguindo as luzes do hotel até que pisou em algo extremamente mole e movediço. Ao apontar sua lanterna, viu o rabo gigante de uma cobra amarela e preta. Em segundos, ela se enrolou em sua perna esquerda e apertou forte, deixando Carlos sem opções. Já estava acabado, sem forças, quase desistindo de sua vida quando ouviu um barulho. O jipe se aproximava e, antes que percebesse o que estava acontecendo, viu o animal sendo decepado pelo ranger. Ficou deitado no jipe descansando e recuperando o seu fôlego. Apesar de estar muito cansado, ele queria continuar o safari, mas os instrutores disseram que não seria uma boa ideia. Com muita insistência, convenceu a todos e continuou o passeio.

Chegando ao ponto mais esperado, o lago vermelho, eles avistaram um grupo de babuínos (uma espécie de macacos muito agressiva). Pararam por um instante para que os bichos não os vissem. Mas, incidentalmente, Carlos deixou sua câmera cair fora do jipe, e isso fez dispersar o grupo. Os passageiros pediram para ele deixar a câmera, mas o fotógrafo, como sempre, não obedeceu. Desceu novamente do jipe e a pegou, porém, antes de levantar por completo, sentiu o cheiro e o respirar ofegante de algo muito grande... pensou sobre o que fazer por um instante e, quando se virou, deu de cara com um babuíno! Pânico! Carlos ficou paralisado de medo e, ao mesmo tempo, sentia-se enfeitiçado por estar tão próximo de um animal daquele porte. Ficou sem reação e pálido. Foi, de novo, salvo pelos rangers que buzinaaram alto assustando o macaco

que saiu correndo mata adentro.

Já de volta ao hotel, com sono e o corpo bastante dolorido, Carlos foi para seu quarto e dormiu sem mesmo jantar. Acordou na manhã seguinte na dúvida se tudo o que viveu foi um sonho... somente uma coisa poderia confirmar a sua história... o par de olhos amarelados brilhantes no filme de sua câmera!

O ÚLTIMO MINUTO

Antonio Mantovani

Éramos só nós três, eu, Junior e João, vivendo em um bairro pequeno no Rio, éramos vizinhos, adorávamos jogar bola na rua juntos. Nós três torcíamos para o mesmo time, o Vasco. Nosso sonho era ir no São Januário, não interessava o jogo nem o campeonato, só queríamos ver.

Nós trabalhávamos como caixas do mercado na esquina da rua de casa, não era muito movimentado. Não ganhávamos muito bem, mas dava para viver, tentávamos guardar dinheiro o suficiente para comprarmos os ingressos para algum jogo, mas era muito difícil.

Até que um dia, que parecia ser apenas mais um dia na vida dos três caixas do mercado, entraram quatro pessoas falando que tinham alguns ingressos sobrando para a final do campeonato carioca, no qual o Vasco estava disputando. Mas só eu tinha escutado, então chamei o Junior e o João e falei:

— Ei, vocês escutaram o que esses caras que acabaram de entrar disseram?

— Não – responderam os dois juntos.

— Eles falaram que têm alguns ingressos pra final do carioca!!!

— Precisamos falar com eles – sugeriu Junior.

— Não – contrariou João – vamos esperar até que eles venham ao caixa pra pagar.

Nós concordamos, esperamos uns cinco minutos para que eles viessem até mim para pagar. Como eu não sou bobo nem nada, perguntei:

— Vocês torcem para o Vasco?

— Sim, – um deles respondeu – mas por que a pergunta?

— É que eu escutei vocês conversando sobre terem ingressos sobrando para a final do campeonato e queria saber se tinha como vocês fazerem um desconto para nós?

— Para falar a verdade, nosso parceiro que ia nos levar não vai mais, então se vocês puderem levar a gente, eu acho que consigo vender por um pouco mais barato.

Perguntei se algum deles poderia trazer os ingressos no dia seguinte para que nós já pudéssemos comprar e eles responderam que sim. Um deles voltou no dia seguinte, nos deu os ingressos e eu perguntei onde poderia pegá-los para levá-los no jogo e ele me explicou direitinho.

Finalmente, chegou o dia em que eu e meus melhores amigos íamos ver um jogo de futebol ao vivo. Peguei meu carro e parti. Fui até a casa do Junior que desceu rápido, o João também, porém o pessoal que tinha nos vendido os ingressos não, eles demoraram um pouco. Então fomos para o estádio para me encontrar com meus amigos. Ficamos esperando na fila um tempão até os policiais nos revistaram como se não tivéssemos nada escondido, em seguida demos os ingressos para os cobradores e entramos, nos corredores em direção aos lugares só ficamos mais ansiosos, era lindo,

as paredes, um pouco desgastadas e o chão meio sujo mas nós não ligávamos para isso e logo já conseguíamos ver o campo, verde, o melhor verde possível. Então nos sentamos em nossos lugares, podiam até não serem os melhores lugares do estádio mas para nós já eram os melhores assentos do mundo. Assim que nos sentamos eu parei e olhei o estádio lotado, não parecia ter nenhum espaço vazio, a torcida cantava e vibrava. Então o momento mais emocionante em que os jogadores entram em campo. E finalmente estavam ali parados onze jogadores do Botafogo e onze do Vasco.

O jogo foi uma loucura. Acho que eu não parei um minuto de cantar. O primeiro gol saiu aos 45 minutos do primeiro tempo. Numa roubada de bola, Julio dos Santos passou para Guiñazu que fez um lançamento para Rafael Silva que chutou de primeira com a perna esquerda no canto direito do gol sem chances para o goleiro. O segundo gol, marcado aos 29 minutos do segundo tempo, foi do Botafogo. Em uma bola espirrada, Gilberto dominou na entrada da área e deu ótima enfiada para Diego Jardel que fica cara a cara com o goleiro e chuta de canhota no cantinho do gol para empatar o jogo. Mas quando tudo já parecia perdido, aos 47 minutos do segundo tempo, Lucas deu lindo passe no meio para Gilberto que chutou de voleio no canto oposto do gol. A torcida gritou muito, todos comemoraram. Depois foi a entrega da taça uma cerimônia linda com direito a fogos de artifício e tudo mais.

E hoje todos os torcedores vascaínos lembram daquele jogo como o da “quebra do jejum” ou a conquista que “encerrou a escrita de jamais termos vencido o Botafogo em decisões” ou até “aquela final do Rafael Silva” como você preferir.

O mais especial não foi nem o Vasco ser campeão nem quebrar um jejum de 12 anos sem ganhar o carioca, mas sim assistir a esse jogo com meus dois melhores amigos.

DIREÇÕES

Antonio Mattos Levorin

Repassei tudo mil vezes: sair da escola, virar à esquerda, andar duas quadras depois atravessar a rua e virar à direita. Não tinha erro.

Mesmo com tanta certeza, ainda estava tenso. Nunca tinha feito tal coisa. Como seria andar sozinho em ruas desconhecidas? Ia ficando cada vez mais aflito com todas aquelas ideias rodando na minha cabeça.

Despedi-me de meus colegas e saí pelos portões da escola. Virei à esquerda e fui andando como se já tivesse feito aquilo centenas de vezes, sem mostrar o medo que tinha às outras pessoas da rua. Passei o primeiro quarteirão, com aquelas pequenas casa de baixos muros, algumas com arbustos na frente, todas bem simpáticas. Atravessei a ruela e continuei na segunda quadra. A rua começou a fazer curvas, pelo que me lembrava devia ser uma linha reta. Minha angústia voltava a crescer. Na hora de virar à direita, não havia avenida, mas uma rua sem saída.

Entrei em completo desespero. Comecei a andar em frente, em direção a lugar nenhum, esperando que fosse por acaso cair na rua certa. Não foi o caso. Reto, direita, esquerda, pra mim era tudo igual. Sempre que me perdia, chegava em uma esquina, olhava para o nome das ruas fingindo conhecê-las, disfarçava, parava para amarrar os tênis e seguia em frente, procurando parecer o mais natural possível. Andei vários quarteirões em todas as direções, sem

sucesso algum. Entrei em várias lojas e estabelecimentos pedindo ajuda com a orientação, mas, mesmo com as explicações, continuei perdido. Acho que não conseguiria nem ir de casa até a padaria mais perto do bairro sem me perder e, conseqüentemente, entrar em desespero.

O pânico só crescia e não tinha mais ideia do que fazer, até que em um momento, enquanto passava em frente a uma praça feia, bastante descuidada, com grandes seringueiras e um mato alto, do mesmo tamanho dos sujos bancos de concreto afetados pela erosão e o desgaste do tempo, como um homem que envelhece e perde sua alegria e seu sentido conforme envelhece, vi algo que poderia me salvar: um ponto de táxi. Nesle, havia no banco de madeira, desgastado pelo tempo e apodrecido pela água das chuvas que caíam pelas goteiras do telhado de plástico velho e acinzentado, um senhor sentado. Ele, de cabelos pretos, alguns brancos por sua idade, olhava profundamente ao horizonte com os olhos de quem já vira muito na vida. Tinha uma expressão triste, sempre achei que conforme as pessoas vão envelhecendo, a alegria e energia de viver vai diminuindo aos poucos. O homem vestia-se com um smoking e calça, ambos cinza, além de seu tênis brilhante de couro marrom. Fui me aproximando e perguntei envergonhado:

— Passa táxi aqui?

— Pra onde você vai?- Perguntou ele com uma voz rouca.

— Pinheiros - Respondi.

— Ih...- Ele ri com si mesmo - Boa sorte garoto, tentar achar

algum aí na rua.

Saí cabisbaixo pensando como faria para voltar pra casa. Fiquei em pé na calçada esperando que algum táxi passasse. Passaram-se vários e vários minutos de espera e nada. O desespero voltava cada vez mais forte, tinha vontade de sentar no chão e chorar, só não fazia isso por pura vergonha.

Até que em um momento, eu ouvi um assovio: era o senhor do ponto me chamando. Ele se apoiava na janela de uma carrinho branco:

— Entra aí, moleque!- Ele me chamou.

Finalmente, me sentia seguro. Entrei no táxi e o motorista já saiu acelerando. Aquele homem me salvara daquela situação, mas nem me lembrei de agradecê-lo decentemente. Estava, finalmente, indo para casa.

Ao chegar em casa, corri para descobrir qual tinha sido o meu erro para que tudo aquilo acontecesse, estava inconformado. Peguei correndo o mapa da cidade. Achei o lugar e... descobri que o mapa estava de ponta-cabeça!

NÃO ESTAVA LÁ

Daniel Vianna Godinho Peria

Tudo se resumia naquela noite. Um ano inteiro dentro de uma hora. Tarefa quase impossível, entretanto cotidiana para alguns de meus colegas. O cenário estava lá, os figurinos estavam lá, até o lanche estava lá, mas o que eu mais precisava não estava lá, minha memória.

“Romeu e Julieta” era a peça, a obra prima de Shakespeare. Para minha infelicidade e para o orgulho de minha família, eu era Romeu. No começo, tinha achado o máximo ser o principal, o centro das atenções, o galã da história. Mas percebi que grandes poderes exigem grandes responsabilidades, e com responsabilidades, me refiro às falas. Pilhas e pilhas de textos complexos, cheios de tus e de vós. Apesar disso tinha decorado tudo, de cor e salteado.

Havia chegado cinco horas antes da apresentação para os últimos ensaios, exigências do diretor. Todo elenco chegou pontualmente e logo demos começo à nossa geral. Então fomos nos maquiar e colocar o figurino. No meu camarim, estava tudo arrumado, meia, bota, a camisa de linho, o casaco de couro. Em compensação, a Julieta estava toda perdida naquele mar de tecidos e joias que ela tinha que usar. Apesar das dificuldades, nos arrumamos a tempo. Estávamos confiantes que a estreia seria um estouro, toda plateia iria à loucura.

Maquiagens prontas, figurinos prontos, cenário pronto, então a peça poderia começar. Quando o primeiro sinal foi dado, meu

coração começou a bater desesperadamente, respirei, contei até dez, não deu certo, contei até cem, também não deu certo, repassei trezentas mil vezes minhas falas. “O segundo sinal, ai meu Deus, será que a minha espada está no lugar certo? será que a plateia está cheia? e o veneno onde vai estar? O terceiro sinal, finalmente, a cortina abriu, ufa!”

Entrei em cena confiante, com passos largos e firmes, dignos de um rei, virei para plateia e... não consegui falar nada, nem uma linha. Talvez a luz do holofote me fizera esquecer tudo ou os deuses do teatro decidiram que não iria lembrar de nada, não sei. Só sei que esqueci e que, no momento, fiquei desesperado.

Todos estavam completamente silenciosos, mas então começaram os sussurros. No começo, míseras palavras soltas que se transformaram em perguntas, que logo se transformaram em comentários maldosos. Só imaginava um monte de velhinhas falando:

— Será que ele esqueceu?

— Que vexame!

— Incompetente!

— Desmemoriado!

Não sabia o que fazer. Comecei a suar. Depois a tremer. Depois a roer a unhas. Então tive a melhor ideia da minha vida. Improvisar. E desde então eu improviso.

A FORÇA DO PRECONCEITO

Eric Schmitz Boccia

Era uma tarde de sexta-feira. Não havia uma nuvem no céu. O sol, não muito forte, iluminava todos os cantos daquela pequena cidade. E eu esperava olhando pela janela. Esperava meu filho, que devia ter chegado há algumas horas, mas não havia aparecido ainda. Já havia tentado ligar para ele, mas não atendia. Fui a sua procura.

Após um tempo procurando, em uma colina, avistei duas figuras, de garotos... E um deles era meu filho! Fui até eles, e quando os vi de novo, estavam prestes a se beijar.

Como podia ter escondido aquilo de mim?! Eu estava furioso, fora de mim. Então me aproximei:

— Ora, seu bastardo!

— P-pai...

— Como você ousa fazer isso! Que vergonha!

Então, sem poder me controlar, eu o empurrei. Ele tropeçou e caiu, batendo a cabeça numa pedra. Houve um longo silêncio, ele não se levantava. Eu o chamei pelo nome, tentei acordá-lo, e nada. Só então percebi o que havia feito, ele estava morto.

Olhava para um lado e para o outro, sem saber o que fazer. Tampouco encontrava seu amigo, que, provavelmente, havia fugido para contar à polícia o ocorrido, já que poucos minutos depois eu estava rodeado por policiais. Eles viram o corpo e, sem dúvidas

de que eu havia feito aquilo, me levaram à prisão. Estava completamente arrependido.

Na prisão, meu companheiro de cela era um homem sério, forte, com uma barba longa, não era de muitas palavras, porém, muito simpático. Conversávamos sobre diversos assuntos, sempre para tentar relaxar o clima e tentar esquecer por que estávamos ali.

Após um tempo, me contaram que ele era homossexual, apesar de que não aparentasse ser. Logo me lembrei do ocorrido e me esforcei o máximo para não expressar meu preconceito.

Nunca lhe contei o que havia feito, nem ele a mim, mas o que importava no final das contas? Ele me respeitava, e, com o passar do tempo, eu passei a respeitá-lo também.

A partir de um momento, comecei a me perguntar: o que há de mal em ser homossexual? Cada pessoa deveria poder gostar de quem quiser. Tentava não pensar no passado e em como eu era. E comecei a pensar no futuro: existe preconceito com essas pessoas. Era preciso fazer algo a respeito disso.

SOB O RUFAR DOS TAMBORES

Fábio Adorno Constantino

Lá estava eu, um em milhares, marchando ao desconhecido sob o ritmar constante dos tambores. A região era inóspita, sem córregos, rios e lagos, apenas árvores secas sem ao menos uma folha e um matagal raso, do tipo que espetava e incomodava nossas pernas.

Já estávamos marchando há cinco dias e nada se assemelhava às histórias que meu avô me contava sobre seu tempo no exército. Meus pés pareciam ser cravados por inúmeras agulhas cada vez que entrava em contato com o solo, mesmo com o grosso e apertado sapato de couro que usava. Já o sol sobre nossas cabeças era insuportável, nos cozinhando dentro de nossos trajes de metal.

Meus companheiros de luta eram jovens, pareciam-me corajosos, só assim para estar no fronte. A maioria buscava riquezas e uma chance de ter uma vida melhor, outros vinham em busca de uma aventura para contar aos futuros filhos e netos, tinham também os doidos e eu, que apenas queria continuar com a tradição militar da família. Em cada pelotão, era possível ver os oficiais, todos bem vividos, a maioria de famílias nobres. Estes eram os únicos que possuíam cavalos, suas armaduras diferentes das nossas eram douradas, reluzentes à luz do sol e ricas em detalhes, incluindo uma longa capa vermelha. O exército também era acompanhado de altas bandeiras vermelhas que dançavam no ar durante toda jornada e cinco centenas de arqueiros, que mostravam com orgulho seus longos arcos e em suas costas cestos com dezenas de flechas afiadas.

Porém, de repente, os tambores cessaram e um dos oficiais gritou com toda força de seus pulmões “ALTO”. Então vi um mar de lanças e escudos em minha frente e, entre eles, enormes bandeiras verdes.

Um silêncio se instalou pelo enorme campo que nos rodeava. Todos se entreolharam sem saber o que fazer, aquele encontro parecia ser uma surpresa inclusive aos oficiais, que discutiam entre si. Meu coração estava em disparada e começou a bater mais forte ainda quando o general ordenou “Desembainhar as espadas! Pegar os escudos! Formação de combate!”, iniciando uma movimentação geral da tropa. No fim eu fiquei na primeira fileira do fronte. “O que não faria agora para ser um arqueiro e estar no fundo da formação”, pensava, porém não tinha como fazer isso. Olhei em volta e vi uma pequena mata ao lado, me chamando, me tentando, “Apenas uma corridinha e me safo da luta” falei comigo mesmo. Tentava correr, mas não conseguia. Não conseguia sair daquele devaneio covarde, até que um soldado ao meu lado percebeu minha luta interna e disse “Força, irmão, lute e sairemos daqui como lendas”. Aquilo me fez esquecer qualquer pensamento de desertar. Então, com todas minhas forças, ergui minha espada e amarrei o pesado escudo em meu braço, estava pronto para o que fosse acontecer.

Enquanto isso, os principais oficiais dos dois lados se uniam em frente de seus grandiosos exércitos. Um deles se dedicava a encorajar os homens, motivando-os com histórias de soldados que podiam dizimar exércitos sozinhos apenas com sua bravura e coragem. Sua voz grossa e grave transmitia força e determinação ao nosso pelotão, que parecia mais confiante do que nunca. O homem

era o mais novo dos oficiais, mesmo assim era o maior e tinha mais cicatrizes do que qualquer um, inclusive uma enorme que passava ao lado de seu olho esquerdo. Seu cabelo seboso e preto escapava pelas laterais do belo capacete de ouro que usava e sua grande barba o diferenciava dos outros oficiais.

Ao fim do eloquente discurso, os tambores voltaram a rufar cada vez mais rápido, arcos rangiam, bandeiras cintilavam, metais tiniam, soldados rezavam, corações batiam mais rápido do que nunca, acompanhando a batida dos tambores.

Essa foi a trilha sonora do que poderia ser o pior ou o mais glorioso dia da minha vida, iniciado ao grito de “ATACAR”.

Flechas zuniam escurecendo o céu que testemunhava uma grande batalha. Soldados urravam, gritavam e se calavam, acompanhados dos estrondos e faíscas dos conflitos entre metais. Enquanto o chão, antes amarelado e plano, ia se tornando cada vez mais vermelho e montanhoso, acolhendo os feridos e mortos da batalha, que induziam aos soldados raiva, dor, motivação e redenção, tornando-nos novamente humanos.

Poucos haviam sobrado e seus uniformes, antes dourados e prateados, agora eram vermelho, do sangue de seus inimigos. Hávamos vencido a batalha, porém não havia aplausos, gritos de louvor ou sequer um fogo de artifício, apenas silêncio dos soldados que restaram e um forte desejo de voltar para casa. Quando voltei, não era um soldado, oficial, uma lenda ou herói, mas sim um homem normal. Entretanto algo não me saía da cabeça, um rufar constante dos tambores. No princípio, pensava que seria algo temporário e

que, em poucas semanas, pararia de ouvi-lo, mas não parou, ficava cada vez mais constante e rápido. Fui a médicos, psicólogos, igrejas e até pessoas que se diziam ser magos, contudo nem conversas, fortes remédios, palavras de paz e de fé, poções ou macumbas deram efeito. Fiquei deprimido, tentava me iludir por meio de fortes bebidas e drogas, que chegavam a funcionar, mas sempre resultavam em ressacas mais fortes ainda e apressava cada vez mais o ritmar dos tambores, que ficavam cada vez mais altos.

Nada dava certo, ganhei fama de louco, comecei a agir como um. Antes o orgulho e honra de ter mais um membro da família no exército se transformou em vergonha e, logo, fui abandonado por minha família. Deserdado... Como poderia ter sido minha vida se não tivesse lutado, se tivesse ouvido minha consciência e fugisse da batalha, da morte do rufar dos tambores.

Nada dava certo, não tinha mais o que fazer. Dessa forma sofri por semanas, meses, anos e provavelmente a batida de meu coração sempre será acompanhada pelo fardo que é o rufar dos tambores.

A MINHA CHUTEIRA ESQUERDA

Francisco Marcondes de Godoy Costa

Heliópolis, Zona Sul, dez da noite, sexta-feira chuvosa e fria, como me lembro daquele dia. No barro molhado, nada me impedia de jogar aquela pelada, algo que eu insistia, mesmo com a bola molhada. Fazer alguns gols de falta, já estava em meu cotidiano, apesar de eu ser são paulino e não corintiano. Afinal, o que me pararia? Eu era o melhor camisa Um da cidade, e sempre ria. O mundo do crime, eu não escolhi; e realmente resolvi sorrir. Nada melhor que alegrar qualquer irmão e ganhar amor e carinho para o meu coração.

A chuva não foi capaz de parar a nossa pelada e nem nossa sessão de empinar pipa, porém, também não foi capaz de parar o fluxo do Helipa que começaria às onze da noite daquela mesma sexta-feira. Já estava quase na hora do início, e eu com doze anos (na época), sendo um garoto propício à vida, já deveria estar na minha moradia, mas devido às circunstâncias chuvosas, não cheguei, eu me atrasei. Foi aí que comecei a me desesperar. Carros e motos passavam a milhão pelas vielas da minha comunidade. Parecia que nada podia piorar, mas pôde. Eu morava na rua Itamarati, local principal da agitação. Resolvi correr, mas confesso que estava com o coração na mão.

Foi quando vi uma Hornet sendo pilotada por um motorista sem capacete, passando como um “flash” por mim. Estava prestes a ter meu fim. E foi nesse exato momento em que o próprio chegou cortando de giro tentando parar. Ele conseguiu, mas nada que pu-

desse me salvar de um acidente. A moto passou por minha perna direita e ainda quebrei meu dente. Não tinha mais o poder do sorriso; estava perdido.

Infelizmente, o motorista escapou por uma viela, onde desapareceu na escuridão das ruas sem postes de minha favela. O silêncio e a dor tomaram conta de mim. Pelo menos era o que eu achava. Mas não, o barulho sumiu pelas ruas de minha quebrada. Até o pessoal do baile parou para me socorrer. Fui encaminhado para o hospital mais próximo. As condições eram precárias. Não possuíam as ferramentas que para a cirurgia eram necessárias. O pior ficou terrível. Sem mais tempo, estava sensível, quando uma decisão foi tomada. A minha destra seria amputada e foi isso que aconteceu. Fechei os olhos e vi apenas um breu formado por minhas pálpebras e eu pensava: minha vida não estava acabada.

Após o ocorrido, foram dias difíceis e sofridos. Pensava em desistir. Mas não me entregava. Apenas me entreguei quando eu nasci; me entreguei a Deus. E de mim sei que ele nunca irá desistir. Passei por diversas dificuldades, várias me pondo para baixo e eu só pegando impulso para subir cada vez mais. Me entregar? Jamais. E aos poucos curtia devidamente todos os momentos e em um grande processo comecei a recuperar os meus movimentos.

O tempo passava, dias de sol, dias de chuva, dias parado, dias treinando, dias chorando, dias amando. Só não havia dias assim como esse de hoje, quando iria voltar a jogar. Fazia dois anos, dois anos complicados, de reviravoltas e aprendizados. Faltavam cinco minutos para o jogo se iniciar, e meu coração começou a disparar.

O que falar, pensar? Estava na hora de voltar! Estava sem reação. Logo peguei a minha chuteira esquerda, de solas desgastadas, sem cravo e cadarço, e a coloquei em meu pé. Como era um antigo costume, segurei a minha clássica camiseta com o número Um atrás, e a pus, como em um ritual sagrado, era o momento esperado. Para entrar em campo, só faltava pôr minhas luvas, sujas, cheias de furros, com velcros que nem sequer prendiam. Fiz minha oração e pedi a Deus que me protegesse. Era uma final.

O jogo começou. Foram necessários apenas 30 segundos para que eu levasse o meu primeiro gol. Na torcida, ouvia pessoas gritando: perneta, mão de alface e diversos xingamentos se referindo a mim. Nem liguei, foquei e fui determinado. Quando o camisa Dez do time adversário estava prestes a colocar a bola na gaveta, eu saltei como nunca. Já estavam todos comemorando, achei errado. Pulei e alcancei a bola. Que defesa. Foram mais ou menos mais umas doze daquelas no decorrer do jogo.

Estava fazendo defesas como faço miojo, facilmente. O jogo estava para acabar, restava um lance. E era uma falta. Então, sem pensar, levantei a mão e pedi para cobrar. Como alguém ia acreditar que eu iria acertar?! Por dó, meu time liberou. O estádio ficou agitado, todos do time contrário já gritando “é campeão”. O juiz autorizou, parti para a cobrança. Nesse momento, passou um filme pela minha cabeça. Mas fui lá e, na hora da cobrança, todos se calaram. De três dedos, eu arrisquei. E na caixa, eu encaixei. Todos os contra se calaram. Agora só meu time comemorava. A taça era nossa. A emoção foi enorme, como suportar um momento histórico daqueles? Como diz a frase: Trate bem a bola que bem ela vai te tratar.

Depois dessa recordação, só tenho que agradecer a uma força pelo que aconteceu: futebol, obrigado. E para aqueles que acham que futebol é só um jogo, posso dizer, pela minha história e outras diversas, que é muito mais que isso. Não tenho palavras para descrever esse esporte, como é forte meu amor por ele.

Podem discordar, mas vou por fogo: futebol é mais que um jogo.

TRIN TRIN

Lina Toledo Barreto

Estava chegando a hora marcada, eu sentada no sofá de casa, ao lado do telefone esperando que ele tocasse. Assim se deu, como sempre. As três horas em ponto o telefone tocou. Pulei do sofá e atendi.

— Alô?- disse uma voz conhecida.

— Alô?- respondi.

— Lorena? Quem está falando?

— Sou eu, vó, a Carolina...

— Oi, querida, como vai?- ela perguntou.

— Bem, vó...- respondi com voz desinteressada.

— Tem novidades?

Pronto, aí que estava o problema. Novidade? Claro que eu tinha, porém, nesse momento, parecia que tudo se apagava no meu cérebro.

Minha avó morava fora de São Paulo. Toda vez que ela me ligava para saber das novidades, ela pagava interurbano. Por diversas vezes falei pra ela baixar o Skype, porém sabemos como são os idosos na questão da teimosia. Para diminuir os custos e otimizar o tempo, eu respondia logo que não tinha nenhuma novidade.

— Você está dormindo?

— Não, estava aqui vendo TV.- disse meio desanimada.

— Hum.. está bem, depois a gente se fala direitinho.

— Ok, vó, beijos!- estava mal-humorada naquele dia.

— Beijos

— Te amo- ela disse.

— Te amo também vó!- falei com um tom que parecia não me interessar.

Já era de costume essas ligações no meio da tarde, mas não aguentava mais, achava muito chato. Não tinha o que fazer, precisava atender o telefone e responder de forma que não aparentasse a minha irritação com aquilo. Nem sempre eu conseguia.

Toda minha família estava em lugar muito diferente do comum. Nada lá era bom, a cadeira era dura, os sons eram persistentes e pareciam como a batida de um coração já no seu final. Além de que o cheiro era muito ruim, hoje me dá até enjoo.

Era perto de uma avenida movimentada, mas ao entrar no local, parecia que estávamos em contato com um outro mundo. Quietos, onde ninguém fala alto, onde tudo é limpo e perfeito.

Não gostava do que via e nem do que ouvia, tudo era novo e me deixava arrepiada. Não que fosse um lugar assombrado, mas também não me sentia confortável. Depois dessa vivência, o nome hospital começou a ter outro sentido.

Nunca havia visto o meu avô tão quieto como naquele dia. Meu

avô, esse era um cara contido com as pessoas menos íntimas, mas com a família era um verdadeiro brincalhão, era um cara de bem com a vida, extrovertido, mais do que minha avó, que sempre tinha algo para reclamar

Sempre amei muito os dois, por mais que eu e minha avó, por termos as mesmas características e jeitos de ser, sempre discordávamos e brigamos. Mas, logo depois, nos reconciliávamos.

Estávamos reunidos esperando por uma resposta, quietos e sem tocar no assunto, talvez por que na hora em que falássemos sobre aquilo, isso iria se concretizar.

Foram longos cinco dias, onde a angustia de não saber o que estava acontecendo e do que iria acontecer tomou o meu pensamento.

Acho que a memória do ser humano é importante por que ela faz dele o ser humano, faz dele uma pessoa, porém, as vezes, a memória em excesso proibi que as outras memorias que irão vir também sejam boas.

SOLIDÃO

Luísa Fontes Pedra

Fê vivia em uma casa completamente vazia. Sua mãe trabalhava o dia inteiro e seu pai havia falecido, quando ele tinha três anos. Com apenas seus oito anos, ele já ficava sozinho na sua pequena e solitária casa. Sua maior distração era brincar com seus carrinhos de plástico e procurar moedas perdidas pela casa para encher o seu cofrinho. Um dia ainda esperava comprar uma bicicleta. Fazia isso durante horas e horas todos os dias. Era um menino muito observador. Às vezes, sentava em frente a grande janela que tinha em sua casa e observava o pouco movimento da rua.

Após algum tempo, o menino percebeu que sempre em uma determinada hora, um entregador de jornal, montado em uma bicicleta velha e amarela, passava nas casas da redondeza entregando os noticiários. Um dia, resolveu então que ele ficaria sentado no jardim esperando o entregador passar. Gostava de apenas sentar lá e ouvir os sons da cidade. De longe, já conseguia escutar o barulho da bicicleta enferrujada do jornaleiro. Quando ele passou em frente a sua casa, Fê acenou. O homem lhe retribuiu com um simples sorriso. No outro dia, ele fez a mesma coisa e continuou fazendo isso até que o jornaleiro decidiu descer da sua bicicleta para falar com o pequeno, simplesmente por curiosidade de saber o porquê do menino ficar sentado no jardim. Assim, sempre que passava, o jornaleiro descia da sua bicicleta para conversar. Eles foram ficando mais próximos e Fê foi criando um afeto muito grande pelo simples homem que ele conheceu na rua. Agora, ele tinha uma companhia, não era

mais aquele menino triste e sozinho de antes. Passava seu tempo desenhando ansiosamente para dar ao homem dos jornais. Toda vez que o jornaleiro parava, o jovem admirava a sua bicicleta, aquela mesma que ele queria. Cada centavo que ele achava era valioso. O que ele mais queria era uma igualzinha àquela. E cada dia diferente levava um adesivo ou um de seus desenhos para enfeitá-la e para o homem sempre se lembrar dela.

Certo dia, o jornaleiro, depois de sair do trabalho, decidiu passar um tempo com Felipe. Ele levou algumas moedas, já que o pequeno havia contado que estava economizando para comprar uma bicicleta. Passaram a tarde inteira juntos e o menino sentia que aquele homem era muito especial, como um pai. O homem prometeu que, daquele dia em diante, ficaria com ele naquele período da tarde, já que ele morava a cinco minutos de sua casa.

Ao anoitecer, Fê estava vendo o noticiário na televisão com sua mãe após o jantar. Viu a reportagem de que havia tido um incêndio na região onde moravam. O pequeno ficou assustado com as imagens que estavam sendo retratadas, nunca havia visto um incêndio, ainda mais tão perto de sua casa. As imagens mostravam coisas queimadas e os restos que sobraram do incêndios, quando, de repente, o menino, concentrado no que passava na televisão, reconheceu a bicicleta amarela cheia de adesivos, ainda mais destruída do que já estava, caída no chão, no meio dos destroços.

No dia seguinte, como sempre fazia, sentou no jardim e ficou esperando o barulho da bicicleta do homem. Escureceu e o pequeno ainda estava lá, esperando por ele. A mesma coisa aconteceu nos

dias que foram passando e Fê voltou a ser aquele menino de antes, sozinho. Percebeu que a promessa havia sido quebrada. Então voltou a brincar com os carrinhos. Fazia milhares de desenhos de bicicletas amarelas, mas não tinha a quem entregar.

Felipe, finalmente, se fez acreditar que o homem nunca mais voltaria. Ele resolveu que não ficaria mais no jardim da sua casa esperando pela presença dele. Não havia mais aquela inocência de que ele não soubesse o que tinha acontecido. Decidiu, então, que ele quebraria o seu cofre, com todas as moedas que ele achava pela casa. A sua mãe questionou a ação, já que Fê estava muito tempo juntando esse dinheiro para comprar uma bicicleta e ainda não tinha o suficiente. Ele simplesmente sorriu e falou: “Não, mãe. Agora eu quero comprar um carrinho de bombeiro”.

A ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA

Maria Clara Berni Fernandes

Eu tinha aproximadamente 20 anos quando tudo ocorreu. Sempre tive pavor de água, não suportava a ideia de que a maioria dos meus amigos trabalhasse na área de mergulho. Em contrapartida, sempre admirava seus pequenos filmes com tubarões, raias e todo tipo de animal que pudesse existir. Eles faziam viagens longas e levavam variados tipos de equipamentos para que as filmagens ficassem na melhor qualidade possível. Já haviam feito diversos projetos para ajudar a preservar a vida dos animais aquáticos, passando sempre uma mensagem através de cada vídeo e, por isso, eu sempre quis participar.

O dia estava ensolarado e minha amiga Vitória, que por sinal era a melhor cinegrafista que eu já tinha visto, me convenceu de ir fazer pequenas fotos durante um mergulho simples. Achei que seria uma boa ideia para que pudesse encarar meu medo de uma vez por todas.

Depois de aproximadamente 30 minutos na água, achei melhor irmos embora, tudo estava tranquilo e eu consegui manter a calma de uma maneira que eu não imaginava que ia ocorrer.

De repente, ainda estávamos longe da costa e Vitória gritou “esguicho! Olhei para o horizonte e logo percebi do que se tratava, uma família de baleias estava logo a nossa frente. Naquele momento, meu coração disparou. A toda velocidade, o capitão que estava conosco mudou o sentido do barco em direção àquelas criaturas

magníficas e, nessa hora eu sabia, Vitória ia querer entrar na água e nada, nem ninguém iria fazê-la mudar de ideia.

Começou a organizar os equipamentos rapidamente e completamente ofegante, me perguntou

— Você não vai deixar de entrar na água, vai?

Fiquei calado por um momento, aquela era a hora que eu teria de decidir. Respirei fundo e com a voz trêmula, respondi que iria entrar na água.

Rapidamente arrumamos todo o equipamento necessário, juntando os tanques e separando as câmeras. Enquanto isso, eu não conseguia parar de tremer.

Quando entramos na água, outro barco se aproximou e todos entraram na água. Ficamos distantes para que as baleias se acostumassem com a nossa presença.

Não há maneiras para descrever o que eu sentia naquele momento. Mesmo que o medo fosse grande, a beleza daqueles animais era tanta que eu estava paralisado, nem sequer lembrei que estava com as máquinas na mão, eu estava fascinado.

Tudo parecia estar bem, até que os mamíferos começaram a ficar cada vez mais agitados, sem controle. Vic estava ao meu lado e derrubou a câmera principal, que afundou rapidamente sem termos chance de recuperá-la e eu, desastrado como sempre, já não sabia onde a minha estava.

As pessoas do outro barco resolveram sair da água, enquanto

ficamos esperando para ver o que iria acontecer. Subitamente, as baleias se acalmaram e eu contemplei a cena que marcou minha vida. Rapidamente, um bebê saiu do ventre da fêmea e, depois de alguns instantes inerte, começou a dar voltas ao redor de sua mãe e seu pai, com tanta felicidade que nem percebeu que estávamos ali. Assim, na mesma rapidez de seu nascimento, as baleias começaram a mergulhar rumo à escuridão daquele mar profundo. Não precisei de câmera nenhuma para guardar esse momento.

PAIXÃO EM COMUM

Matheus Paulelli Gandolfo

Toda vez que meu tricolor paulista ia jogar, eu fazia o mesmo ritual. Vestia a camisa do mito, pegava minha bandeira vermelha, branca e preta, me enrolava nela e ficava assistindo a partida e ouvindo o Neto, em pleno jogo do São Paulo, elogiar o Corinthians, eterno rival do meu time. Porém, mesmo assim, continuava ouvindo-o, pois me divertia com as besteiras que ele e o Ronaldo Giovannelli falavam e me identificava um pouco com o fanatismo que eles apresentavam por futebol, como eu.

Meu sonho era jogar lá no Morumbi profissionalmente, mesmo nunca tendo ido ver um jogo no Cícero Pompeu de Toledo, vontade minha desde que me conheço por gente.

Eu estava lá no sofá de casa esperando o jogo começar, quando meu pai, de repente, chegou ao som do apito do árbitro: começou o jogo.

Papai trabalhava no bar da esquina e minha mãe eu não via fazia tempo.

Logo que chegou, meu pai foi direto para o quarto e não saiu antes do final do jogo. Quando saiu, ele veio até mim com uma cara de choro e segurando algo atrás das costas. Perguntei o que era e então ele me mostrou 2 ingressos para um jogo do São Paulo no Morumbi.

Passei a semana toda com o jogo na cabeça, quando se tem

essa idade, você fica ansioso com qualquer coisa. Eu não conseguia pensar em nada mais a não ser no jogo, minha cabeça estava a milhã, focada na partida.

Finalmente chegou o dia tão esperado, o dia em que realizei um sonho meu desde pequeno. Eu não tinha conseguido dormir na noite anterior ao jogo de tanta ansiedade. Logo de manhã marquei com meu pai de sairmos às 8:00, pois o jogo começava às 9:45.

Chegando lá, sentindo um frio dentro e fora da barriga, 10 graus, fora o nervosismo que já tinha me possuído, eu estava me sentindo muito bem, animado até demais.

Ao dar os primeiros passos dentro do estádio, ouvindo as batidas e gritos da torcida tricolor, subiu uma vontade de cantar junto com a organizada que tomou conta do meu corpo, não sei explicar, só sei que depois daquele momento passei a compreender melhor o fanatismo do Neto, aquela emoção, mesmo pra quem não lembra nitidamente, fica dentro de quem ama futebol.

PROPOSTA INESPERADA

Miguel Roxo Veloso Franciosi

“Estava brincando com minha família no jardim da casa do meu pai, enquanto esperava o churrasco ficar pronto. Brincando com espadas de madeira, comemorávamos o aniversário do meu sobrinho. Repentinamente, o telefone começou a tocar. Fui atender. E o telefone continuava a tocar, e tocar, e tocar. Pela vigésima vez, fui atender aquela droga de aparelho. Meio bravo e irritado com aquele toque, conversei com a voz do outro lado da linha, que acabava por ser a secretária de J.J Rey, um ótimo diretor e produtor que já recebeu vários prêmios Nobel. Ela avisou que ele queria ter uma reunião comigo no dia seguinte em L.A, às 17h00, mas não me disse o porquê dessa reunião. Falei com minha família sobre esse telefonema – eu estava muito ansioso para descobrir do que se tratava. Achava que era uma proposta de filme ou coisa parecida.

Como iria demorar muito, despedi-me de todos e fui ao aeroporto. Peguei o primeiro voo, mas a droga do check-in demorava uma eternidade, até que, finalmente, a mulher disse que era o portão 24 (claro que era o mais longe). Saí correndo numa rapidez que eu nem pensava que conseguia, enquanto a voz de uma mulher falava ‘Última chamada para o voo do portão 24’. Suando até o pé, entreguei meu tíquete para moça e entrei no avião. Acalmei um pouco e pensei comigo mesmo ‘Pelo menos isso já passou’. Sentei ao lado de uma mulher, aparentemente viúva, que estava com seu bebê, que chorava tão alto como uma sirene de ambulância. Do meu outro lado, estava um homem obeso, que não parava de suar e

de falar sobre todas as tragédias de sua vida. Atrás de mim, estava um adolescente que não parava de chutar minha cadeira. Mesmo assim, com algumas dificuldades consegui dormir e comecei a pensar como seria a reunião.

Mais tarde, acordei com o avião chegando em terra firme. Peguei minhas malas, saí do aeroporto e fui de táxi ao endereço que a secretária de J.J havia passado. Durante a corrida, comecei a ficar mais ansioso sobre a reunião. Um tempo depois cheguei ao escritório de J.J e esperei a secretária me chamar. Esperei quase uma hora, quando ela me disse que ele estava me esperando.

Quando entrei na sala, não estava lá apenas J.J, como todos os atores do filme original da saga Force Wars, e, também, vários atores mais jovens, porém muito famosos.

— Quero saber – J.J me perguntou – Se gostaria de fazer parte do Force Wars, como o personagem General Bux.

Quase desmaiei de alegria e, sem pensar sequer uma vez, respondi:

— Seria um enorme prazer.

Ele me entregou um script e começamos a lê-lo. Quando terminamos, ele disse a todos que as filmagens começariam no dia seguinte aqui mesmo em L.A. Depois de a reunião acabar, fiquei conversando com J.J. Não me recordo muito dessa conversa, mas me lembro da última frase que ele disse: ‘ E que a luz esteja com você, sempre.’

Peguei um avião, que dessa vez estava vazio e tranquilo, para

voltar para casa e, quando cheguei, tomei um café para ficar acordado e comecei a decorar minhas falas como um louco. Perdi a noção de tempo e, por volta das 23h00, já tinha decorado todo. Mais tranquilo, fui dormir. No dia seguinte, as filmagens começaram. ”

— Então foi assim que soube que iria fazer parte de uma saga tão famosa e conhecida no mundo inteiro, que acabou de estreiar nos cinemas? – O entrevistador me perguntou.

— Sim, desde criança eu queria fazer parte deste filme, era meu sonho. E agora, esse sonho foi realizado.

— Ok, obrigado pelo seu tempo.

UM BELO GOL

Mila Oda Mercadante

Cabeceio.

Só de ouvir essa palavra já me dava arrepio. Quando vinha do meu técnico então... Lascou. A ideia de uma bola de futebol vindo em minha direção, alta e com velocidade, não era exatamente das melhores. Sinônimo de desastre no meu caso. Eu vivia tentando fugir da situação. Fingia que a bola nem estava vindo em minha direção ou, na pior das hipóteses, me abaixava. Fiz isso por muitos treinos.

Numa quinta feira tão normal quanto outra, meu técnico me entregou um papel. Como eu imaginava, era uma convocação para um jogo. O que eu demorei um pouco para perceber é que aquela não era uma convocação qualquer...

— Jogar com elas? Sério mesmo?

— Seríssimo.

Ele tinha me convocado para jogar com as meninas de 15 anos. 15 anos! Eu tinha 12 anos na época!

— Eu tenho só 12.

— E...

— Deixa pra lá. Pode confirmar minha presença.

Eu só aceitei porque também né? Olha a moral que ele estava me dando!

O único problema era que eu sabia que aquelas meninas não iam muito com a minha cara.

— O que você tá fazendo aqui?

— Hum... Entrando em quadra?

— Mas por que?

— Porque eu fui convocada?...

— Você vai jogar na zaga também?

— Sim.

— Tá... Fica na direita então.

— Beleza.

Eu odiava jogar na direita.

Eu já sabia que seria a mais baixa do time e essas coisas, só não sabia que eu seria TÃO mais baixa que todo mundo em quadra (inclusive que o time adversário). Serio, eu era no máximo uma formiga perto daquelas garotas.

O jogo começou e eu até que estava jogando bem. Estava lá fazendo minha função de acordo com minhas restrições, cof cof cabecear a bola cof cof. Teve uma hora que a gente quase levou um gol porque eu evitei o cabeceio.

— Da próxima vez vê se vai de na bola! Parece até que você tem medo!

Desculpa aí se eu não quero sair tonta e com uma testa roxa!

E a bola veio novamente, alta e bem na minha cara... Perfeita para um cabeceio. Dessa vez eu resolvi não vacilar. Não de novo! A bola estava vindo em câmera lenta... tudo estava em câmera lenta. E eu pulei, e a bola veio num encaixe perfeito com a minha testa... E eu a cabeceei!

Me virei para acompanhar o trajeto do meu grande trabalho, da minha grande conquista até que... ops.

Até que foi um gol bonito.

UMA VIAGEM INESPERADA

Pedro Bueloni Silva

O meu trabalho era ajudar pessoas a encontrar lugares para relaxar. Era isso que meu chefe e eu fazíamos. Mas não pense que nós dávamos ideias ridículas, ou que sempre fomos certinhos, que escolhíamos roteiros batidos daquelas companhias de viagens. Não!

Nós tínhamos um método: Primeiro, observávamos atentamente - e com uma certa discricção - o cliente que nos procurava, depois dávamos um giro de 180° e olhávamos para a janela. Era naquele momento que encontrávamos a inspiração necessária para um bom aconselhamento. Dávamos então um giro de 90° e perguntávamos um ao outro se aquele destino estava correto para aquele cliente. Será? Só havia uma maneira de descobrir: completávamos os 90° restantes e voltávamos nossos olhos novamente para o cliente, oferecendo-lhe a viagem pensada naqueles segundos em que nossos olhos se distanciaram.

A inspiração vinha da bela vista que tínhamos de nosso andar. Ao girarmos nossas cadeiras 180°, era refletida uma ideia esplendorosa vinda da praia abaixo de nós. Estávamos no alto, de frente ao aeroporto com seus aviões que pousam tão junto ao mar que se tornava impossível não ter boas ideias para viagens perfeitas.

Mesmo discordando, meu chefe acabava cedendo e aceitando os palpites que, em geral, eram muito bons. Conversávamos muito antes de decidir o que propor para nossos clientes. Mas não foi fácil no início. Meu chefe era daqueles que não aceitavam ser contraria-

dos.

Ele contava que não era simples decidir algo por outra pessoa. Pode parecer bobagem, mas ele tinha razão. Aquele emprego me ajudou por muito tempo, principalmente porque o encontrei logo depois que saí da casa de meus pais. Eu não tinha muita opção nem experiência.

Quando comecei na agência, achava que seria um fracasso. Não gostava do chefe e de seu jeito de mandar nas pessoas. Ele fazia o que queria! Contrariava a todos e ainda se dava bem. Até que um dia, isso mudou.

Eu comecei a ver as viagens e ter um estímulo que abriu a porta para a luz entrar. Entendi o método dele. Compreendi que aquilo que pareciam “ordens” dadas aos clientes eram, na verdade, desafios e oportunidades para que ousassem mais em suas vidas e se aventurassem em novos destinos.

Assim, finalmente, entendi qual era minha função ali, naquela agência. Eu não era apenas um atendente, eu era um agente de mudança, alguém que afetava a vida dos clientes.

Passei a ir para o trabalho com a autoestima lá em cima, bem acima da janela do prédio em que trabalhava. Tocava com o espírito a asa do avião que decolava. Não havia dia ruim. A cada atendimento, um novo destino me aguardava.

Com o tempo, meu chefe e eu fomos fazendo coisas inesperadas. Uma lua-de-mel em Paris virou um mês de tour ao redor do mundo. Aquele casal, hoje em dia, viaja com seus filhos – gerados

nas viagens que nós planejamos – e foram oito!

A minha vida inteira se passou dentro daquela agência de viagens, sem que eu percebesse, nunca tinha saído do mesmo lugar, daquela rotina. Não que fosse ruim. Eu gostava – e muito.

Mas chegou o tempo da aposentadoria e tive que me afastar. De presente, o velho chefe me deu uma viagem à minha escolha. Mas adivinhe só: eu não escolhi o destino. Deixei que sua inspiração me levasse ao destino mágico: a volta ao mundo, naturalmente.

SONHO

Pedro Oliveira e Telles

Estava na praça Barão de Cabo Preto com meus amigos. É uma praça muito bonita na zona leste da cidade, cheia de árvores, flores e outras plantas que criavam uma paisagem linda. Mas o que nós gostávamos mesmo era daquela quadra toda esburacada que ficava no centro. Íamos lá sempre. Embora desconhecida, era uma praça muito movimentada. Quase nunca conseguíamos jogar porque a quadra vivia ocupada, mas naquele dia não, estava uma harmonia. Alguns casais caminhavam, algumas crianças com um sorriso estampado no rosto ao brincarem no velho e bom balanço e um senhor intrigante sentado próximo à quadra vazia. Com seus olhos já desgastados da vida, observava todo aquele movimento com toda paz, sem pressa nem preocupação.

Entramos na quadra e deixamos nossas mochilas por perto, era uma quarta-feira e fomos direto da escola, talvez tenha sido por isso que estava tão vazia. Pegamos a bola e brincadeirinha aqui, brincadeirinha ali, começamos a jogar: dribles, chutes, gols, comemorações, nada fora do normal naquela tarde, até aquele momento.

Cansados, paramos para tomar água no enferrujado bebedouro da quadra, mas que satisfazia nossa sede. A praça ficara mais vazia conforme foi entardecendo. Já não se viam mais casais caminhando e nem crianças felizes a brincar, só o velho continuava ali, agora, parecendo prestar atenção na gente. Não dei importância e continuamos a jogar. Algum tempo depois, acho que uma hora mais ou menos, paramos, mas só o fizemos porque tínhamos que pegar o

ônibus de volta para casa. Recolhemos nossas coisas e quando estávamos indo rumo ao ponto de ônibus, o velhinho intrigante levantou-se e chamou-nos. Disse que era da Portuguesa e que sexta ia ter uma peneira no centro de treinamento e estávamos todos convidados a participar. Entregou-nos um cartão e foi embora.

Demorei para decifrar o que estava escrito no cartão, não porque a letra fosse feia, muito pelo contrário, era daquelas letras de computador toda bonitona, mas sim porque sempre tive dificuldade em ler e escrever, e olha que eu tinha dezesseis anos. No cartão, estava escrito o endereço do lugar, o que precisava levar e o horário marcado para estar lá. Foi ali que começaram meus problemas, primeiro porque eu era corintiano desde garoto, segundo porque não tinha chuteira, o máximo que eu tinha era um tenisinho puma, verde e roxo, todo desgastado que eu ganhara no meu aniversário de 16. No ônibus, já de volta para casa, não quis conversar com ninguém, estavam muito animados com a chance, e eu tinha que achar um jeito de contar isso para meu pai, que, certamente, não ia deixar.

Meu pai já fora jogador de futebol, conseguiu uma vaga na Ponte Preta com um amigo do meu avô, que trabalhava na gerência do clube e que, como já vira meu pai jogar, o colocou para dentro. Era um sonho realizado, ainda não ganhava muito, pelo contrário, ganhava muito pouco, mas estava feliz. No entanto, isso foi só o começo do pesadelo: em seu terceiro jogo oficial tomou um carrinho pelas costas e machucou a perna esquerda. Apenas uma lesão foi o suficiente para cortarem ele do time. Sem condição física, com seus poucos anos de escola, aos 20 anos, foi trabalhar com o pai na mecânica.

O ônibus chegou no ponto perto de casa. Me despedi, desci, e fui pensando no caminho. Cheguei à conclusão que não contaria para ele e iria sozinho, um plano um tanto quanto rebelde, mas que poderia dar certo. Porém tinha um furo: eu precisava levar uma autorização dos pais porque era menor de idade. Resolvi não pensar nisso e esvaziar a cabeça.

O próximo dia passou rápido, não prestei atenção em nada, estava na minha fantasia, só pensando no dia seguinte, quase fui atropelado umas três vezes enquanto voltava para casa, mas nem liguei. Lembro até de ter parado, no meio da rua mesmo, e começado a observar o pôr do sol alaranjado, criando uma paisagem linda enquanto se misturava com o profundo azul do céu. E fiquei lá parado, até me dar conta de que estava ficando tarde.

Não consegui dormir direito, os poucos momentos que dormi foram péssimos. Acordei cedo e fui para a escola, mas logo depois voltei, porque o professor tinha faltado. Fiquei largado no sofá só pensando na peneira e esperando dar três horas. Não consegui comer nada o dia inteiro de tão nervoso. Já tinha conseguido a assinatura que precisava: peguei um dos papéis da mecânica que meu pai sempre deixava em cima da mesa e falsifiquei. Como não tinha chuteira, decidi ir de chinelo mesmo e pedir para jogar descalço, o que foi uma decisão muito estúpida. Mas não tinha outro jeito, minha irmã tinha pego meu tênis então era isso ou nada. Quando deu uma hora da tarde, vesti minha camisa do Corinthians, calcei meu chinelo e fui. Saí cedo para não correr o risco de chegar atrasado.

Cheguei e me puseram para jogar. Os times já estavam sepa-

rados e pareciam me esperar para começar. Tinha de todo tipo naquele jogo, desde os mais esnobes, com meião, caneleira, aquela frescura toda, com seu topetinho para cima e aquela cara lavada, até os que só estavam de chuteira mesmo. Cheguei já arrasando. Cruzava o campo e defendia e atacava e chutava e lançava e no final saía para a comemoração. Meus olhos cintilavam e meu sorriso brilhava no meu rosto suado. E com a camisa molhada e com o cabelo esvoaçado, todo para cima e com fiapos de grama até a canela e com o corpo já todo cansado, ainda ia para o ataque tentar mais uma vez marcar. O jogo parecia não ter fim.

E do preto veio uma visão borrada, quase que sem enxergar nada. Pisquei para acostumar com aquela luz. Ao fundo, uma voz gritando ‘Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes’. Mogi das Cruzes. O ponto final. Ao meu lado, duas senhoras conversavam indiscretamente. Em pé, uma moça me encarava com uma cara estranha. Os últimos raios de sol do dia atravessavam o vidro da janela do ônibus e batiam na minha face. Com os olhos semicerrados fui olhando em volta enquanto a primeira lágrima escorreu por minha bochecha avermelhada, seguida de outras cada vez mais densas. A lua já ia aparecendo naquela paisagem desconhecida em uma sexta-feira inesquecível.

O DIA D

Pedro Rosso Chamelet

Era um dia chuvoso, de manhã cedo. As forças alemãs nos bombardeavam de todos os lados, quando, de repente, uma bomba havia caído do meu lado me deixando inconsciente.

Tudo começou com o estouro da segunda guerra, jovens sem experiência no assunto eram obrigados a lutar para defender a pátria. Esse era o meu caso e do meu irmão gêmeo, que, aos 16 anos, tivemos que nos alistar no exército inglês. Não tivemos problemas, apenas montávamos guarda na fronteira inglesa, até que, no dia 6 de junho de 1944, fomos recrutados para uma missão de altíssima importância nas praias francesas. Iríamos adentrar em territórios alemães para tomar a fronteira.

Fomos de barco. Eu e meu irmão estávamos em lugares diferentes, numa frota de aproximadamente 15 mil embarcações . Ao chegarmos à praia, fomos recebidos com inúmeros tiros de metralhadoras, vindas dos nazistas que defendiam a costa. Minha reação foi pular na água e nadar até a praia. O mar estava vermelho por causa do sangue dos soldados e nossos números haviam caído muito. Mas assim que a situação ficava feia, mais barcos chegavam para nos ajudar.

Após sair da água, segui meu pelotão até um cercado no meio da praia para nos defendermos e atacá-los com fuzis e bazucas, que eram nossas únicas armas. Por fim, conseguimos derrotar os alemães da praia, mas ainda tínhamos de entrar nas terras mais a

fundo. O lugar estava vazio, não se via nenhum alemão lá, achamos que a praia já era nossa, quando soldados nazistas nos surpreenderam saindo do meio da floresta e atacando com tudo o que tinham. Eu me abaixei com muita rapidez e rezei para que não fosse atingido. Foi quando olhei pro lado para ver o que estava acontecendo com os outros, e vi meu irmão tomando dois tiros na cabeça e caindo morto no chão. Não tive tempo nem de ter uma reação, pois uma bomba havia caído do meu lado, me deixando inconsciente.

Dois dias depois do dia D, acordei numa sala de hospital. Vi que uma enfermeira, percebendo que eu estava acordado, chegou perto de mim e falou:

— Senhor Ryan, seu irmão morreu, e por causa de seus ferimentos, você irá voltar para a casa.

Ao receber a notícia, fiquei bastante triste por perder meu irmão, e por não poder mais participar da guerra. Mas com uma perna quebrada e a outra amputada, não podia fazer nada.

Essa foi minha experiência na segunda guerra mundial, quando participei do momento em que os aliados conquistaram a fronteira entre a Inglaterra e a Normandia. Foi a um preço alto a ser pago, pois perdi meu irmão e a minha perna, além de muitos outros soldados terem sido mortos naquele dia, sou um homem de muita sorte.

A ÚLTIMA BRIGA NO CARRO

Pedro Siqueira Ribeiro

Quando abri a porta do carro, sabia que aquele dia tinha tudo para ser como os outros. O sol refletia no capô e a brisa levantava meus cabelos castanhos. Era um dia muito bonito, que lembro-me até hoje, dez anos depois.

Nunca tinha visto minha tia tão calma, mas meu primo estava como sempre. Igual a mim, tinha seus 11 anos, porém, era muito mimado e isso o tornava insuportável. Mal tinha eu entrado no carro para ele começar a me amolar. Ele sempre foi assim desde que eu o conheço por gente.

Minha tia arrancou com o carro, virou à esquerda, à direita e, passados dez minutos, eu e o meu primo já estávamos brigando, como sempre. Porém, nesse dia, ocorreu algo que mudou nossas vidas para sempre.

Faltando ainda um pouco até a escola e devido ao trânsito, minha tia fez outro caminho. Quando ela virou na Rua Bagiru, por coincidência, eu empurrei meu primo contra a porta “Hahaha, toma essa!” e, de repente, ela abriu-se, levando meu primo a cair do carro e rolar ladeira abaixo “Socorro!!”. Não sabia o que fazer, pois, primeiramente, havia entrado em choque, porém, tive a reação de entrar em pânico e comecei a gritar “Tiaaa, o Joquinha caiu do carro”; “Como assim?” ela perguntou e olhando meu primo rolar ladeira abaixo pelo espelho da caminhonete freou o mais forte possível. Eu tive de sair correndo entre os carros e buscar meu primo

que, felizmente, não se encontrava gravemente machucado, apenas escoriações e um pequeno arranhão na perna esquerda.

“Depois daquele episódio, passei a refletir sobre meus atos relacionados a meu primo e me arrependi terrivelmente de não ter lhe comunicado o quanto o amava antes do acidente”

Entramos no carro em silêncio, minha tia arrancou. Saímos quietos e assim fomos até a escola.

Dias depois, fui visitar meu primo que já havia se recuperado. Entrei na casa dele e vi minha tia irritadíssima comigo, nunca havia visto ela daquele jeito, porém, meu primo estava diferente, calmo como nunca e de uma bondade inexplicável. Conversamos por horas e horas e senti que havia novamente fogo na nossa amizade, mas um fogo bom, de alívio.

PARA QUE RUMO DEVE IR MINHA VIDA?

Raquel Liberman Lopes da Silva

Era sábado de manhã estava muito frio e claramente dava para saber eu estava com sono e com a mínima vontade de estar no carro com minha mãe com a cara mais seria do mundo dirigindo em alta velocidade.

O carro parou e em frente a janela do carro havia um enorme prédio com uma placa dizendo

”Terapia coletiva para menores de idade”.

Abri a porta estavam todos sentados em forma de roda, me sentei ao lado de uma menina de minha idade e de um menino mais velho.

Tive de falar em voz alta meu nome, idade e a história que me fez ter que vir aqui.

Respire fundo naquele momento a minha vontade era de sair correndo dali, mas ao invés disso eu disse:

Acho que foi a alguns meses atrás que acordei em um dia ensolarado com o sol refletindo em minha janela iluminando meu quarto, lembro que eu não havia conseguido dormir anoite em virtude, meus olhos estavam ardendo, inchados e vermelhos. Estava com sono, mas minhas dolorosas lembranças me impediam de dormir.

Eu estava namorando e as brigas que tínhamos eram com ce-

nas de filme, o namoro acaba por discussão que já iria acontecer, geralmente um dos dois vai embora largando o problema. Ele me largou...

Agora, estou com um problema que vai me aparecer destruir todo o meu futuro, tenho que tomar uma decisão... MEUS PAIS! Teria que contar a eles a verdade.

Levantei da cama a porta do meu quarto estava aberta, não foi necessário fazer esforços... UFA! Percorri o corredor que dava ao quarto, bati na porta e entrei, eles estavam sentados na cama lendo jornal ainda de pijamas. Pedi um minuto de atenção e falei

— Preciso da ajuda de vocês, eu não usei proteção e engravidei.

E foi assim que meus pais decidiram ajudar. Eu e meu filho indo na terapia para me ajudar a saber que rumo eu levo a minha vida.

O RETORNO TENSO

Rodrigo Lublinski Tavares

Estava eu na estação de trem que vai em direção ao Cristo Redentor. Estava ansioso, tenso e sentindo medo. Já que era a primeira vez que eu estava visitando o lugar. Eu era um garoto medroso de 11 anos que se assusta com quase tudo. Quase tudo mesmo. Estava com minha mãe, meu pai e minha irmã caçula. O trem havia chegado, tomei coragem e entrei com o pé direito e respirando fundo.

Chegamos no topo da montanha seguros e tranquilos. Meu pai e minha mãe me acalmaram durante a viagem. Tiramos diversas fotos e aprendemos bastante sobre o monumento e sua história. Passamos o dia inteiro lá, foi muito divertido. Mas a hora de voltar havia chegado.

Todos estavam voltando na mesma hora. Já que o lugar estava quase fechando. Os vagões estavam lotados e tivemos que esperar durante uma hora. Foi cansativo. Mas aguentamos. E eu, é claro, tremendo de medo de voltar, já que de noite a paisagem do lugar dava muito medo, porque árvores ficavam com formas estranhas e assustadoras.

Entramos todos. Fiquei meio longe de meus parentes devido à quantidade de pessoas presentes. O trem começou seu trajeto barulhento e cheio de árvores. Ele era iluminado na parte de dentro, o que me deixava aliviado, já que o escuro era só do lado de fora e é este mesmo que me dava medo. Foi quando ouvi um barulho e as luzes se apagaram no mesmo instante em que o veículo parou.

Estava segurando com uma força absurda no banco, ninguém me tirava dali. Foi quando escutei o choro de uma criança, não sabia se era de minha irmã, não iria levantar para verificar, ela conseguiria se virar com meus pais. De repente, um monte de possibilidades medonhas sobre o que estaria acontecendo com ela passou em minha cabeça. O amor e preocupação venceram o meu maior medo e me fizeram levantar cheio de determinação. Parti em direção à minha mana forçando a vista para conseguir enxergar. Consegui ver um vulto no canto do vagão e quando me aproximei percebi que era ela. Perguntei a ela o que havia acontecido e ela contou que estava dando uma volta no vagão quando as luzes apagaram e não conseguia mais achar nossos pais. Fiquei com ela lá até que as luzes acenderam e tudo voltou ao normal. Fui com ela até os nossos pais e depois voltei para o meu lugar.

Fiquei pensando. Quem diria que eu e minha irmã pequena tínhamos o mesmo medo. Mas será que ela conseguiu vencê-lo depois desse ocorrido? Eu consegui.

NADA SE COMPARA

Sofia de Oliveira Farias

— Sempre fui a mais inocente do grupo. Aquela que tinha os pais mais preocupados, que acreditava em qualquer coisa. Aquela que não podia sair sozinha na rua e essas coisas que todas vocês conhecessem.

“Meus pais eram iguaizinhos, até eu fazer uns 15 anos.” – Comentou a menina com a etiqueta escrita Natália.

— Exatamente! Quando completei 14 anos, minha mãe, uma metódica e preocupada mulher, e meu pai, não muito diferente dela, passaram a deixar que eu andasse mais livre, apenas com amigas.

“Típico.”

“Natália, isso é uma roda de conversa, deixa a menina contar porque ela está aqui.” – Afirmou Vanessa, a aparente coordenadora da roda.

— Era um sábado ensolarado no final da época de carnaval, e as sensações térmicas pareciam ser de mais de 40 graus Celsius. Tinha combinado de encontrar um grupo de amigos na Paulista para irmos ao Masp, aproveitar um pouco. Eu tinha dormido na casa de uma amiga, e por isso fomos andando até o metrô da Vila Madalena o que devia dar por volta de 4 quilômetros.

— Nós duas, eu de saia e blusa e ela de vestido,

“Foi a primeira coisa que te perguntaram não foi?” – Natália in-

trometendo-se novamente.

— O que?

“Que roupa você estava usando.”

— Foi sim.

“Típico”

“NATÁLIA” – Falou Vanessa

— Enfim, estávamos como de costume atrasadas e então tivemos de cortar caminho passando por uma rua pouco movimentada. Isso não fazia parte do plano, mas não podíamos dar esse gostinho para nossos amigos que viviam dizendo que nos comprariam um relógio. Estávamos andando tranquilamente, sem mexer no celular ou em qualquer coisa de valor para não chamarmos a atenção de um interessado, até que um carro com 4 garotos de 16 a 18 anos começou a buzinar de longe. Nem ligamos, achando que isso nos faria passar despercebidas, mas não, o carro começou a diminuir a velocidade. Nesse exato momento, meu coração começou a bater extremamente rápido, minha pele ficou gelada e a Laura até hoje diz que eu fiquei incrivelmente pálida. Nisso, o carro andava grudado ao nosso lado e os garotos começaram a falar:

— Ei gatinha, entra aqui!

— Não precisa ter vergonha.

— Não com esses corpos!

— Desculpa, é realmente a primeira vez que eu me abro sobre

isso com alguém desta forma.

“Estamos aqui para ouvir”

“E para apoiar, pode chorar à vontade!”

— Ok. Eu e a Laura cansamos de agir calmamente e nos pusermos a correr, esperando chegar rapidamente a algum local movimentado que os afastassem. No mesmo instante, eles aceleraram e começaram a fazer ameaças:

— Ou vocês entram agora aqui ou a gente vai sair do carro!

— Quem manda usar roupa curta? Agora vem!

— Com esses decotes só podem quer provocar!

— VEM LOGO!

— Nisso, nos desesperamos completamente e lembro de até chorar. Laura, mil vezes mais desesperada que eu, só gritava por ajuda e socorro.

— No momento em que eles estavam prestes a sair do carro, nós começamos a correr mil vezes mais rápido do que antes, nem olhamos para trás até chegarmos a uma quitandinha de esquina com um dono gentil.

“E foi só isso? No meu caso, eu fui realmente estuprada!” Indagou uma menina sentada no canto.

— Só? Eu posso não ter sido estuprada nem tocada, mas isso não torna o que eu senti e o assédio que eu sofri menos importante, a primeira vez que a coisa fica mais séria, sentimos o que ninguém

pode imaginar.

“ ”
...

UMA TERRÍVEL TRAGÉDIA

Sophia Guimarães Vasconcelos

Lá estava eu, no alto da montanha, com minha mãe. Estávamos conversando sobre o meu pai. Ele já havia morrido, mas as lembranças dele ainda permaneciam no nosso coração e vidas. Sempre nos dissera como adorava morar na montanha, um lugar mais sossegado, tranquilo, calmo, certamente mais longe da cidade. Nunca se apegou á cidades, odiava os barulhos, as confusões, carros buzinando, a correria do dia a dia. Ele era um homem bom, honesto, e que fazia muita falta em nossa família, eu sentia muita falta de uma figura paterna e a minha mãe de um bom marido.

Após a morte do meu pai, minha mãe se isolou do mundo, ficou devastada, isso mexeu com o mundo dela. Parecia que estava em luto constante desde então. Já havia 2 anos em que meu pai morrera, contudo, ainda não havia superado essa terrível perda. Ela realmente o amava, foi uma surpresa para todas a ida dele. Mas uma coisa que eu tenho certeza é de que ele está muito melhor agora no lugar em que está do que antes. Mas como não podemos ficar presos no passado, a vida tem que continuar, foi assim que eu fiz.

Certa noite, eu e meus amigos descemos a para a cidade para irmos á uma festa de casamento de uma antiga amiga. Quando estava me preparando para sair de casa, fui me despedir de minha mãe. Ela olhou para mim e seus olhos começaram a lagrimejar. “Filho, você está tão crescido, já está um homem. Um verdadeiro homem, pena que seu pai não está aqui para te ver desse jeito.” Essas foram suas palavras, pude notar que algo estava se incomodando,

parecia estar muito triste, mas não disse nada.

Meus amigos chegaram para me buscar por volta das 20:30, demoramos mais ou menos 40 minutos para chegar na cidade mais 20 minutos até a cerimônia. Sempre que estamos no carro conversamos sobre vários assuntos, realmente gostamos de colocar os assuntos em dia, disse à eles que achava que minha mãe estava triste e que estava preocupado com ela, eles disseram para eu não me preocupar e aproveitar a noite.

A festa foi realmente ótima, se divertimos até não poder mais, dançamos, cantamos, rimos, caímos, fizemos tudo que tínhamos direito. Mas como tudo que é bom dura pouco, não foi diferente com a festa. Ela acabou por volta das 5h da manhã. Puxa, estava exausto, parecia que um trator tinha acabado de passar por cima de mim.

No caminho e volta, viram pessoas de todos os tipos, mas apenas uma delas chamou minha atenção: uma criança.

Essa criança parecia estar abandonada. Órfã. Estava segurando seu coelho de pelúcia em uma mão e na outra um resto de comida. “Pobre criança”, pensei. “Ai se eu pudesse fazer alguma coisa por ela...”

E foi assim que fiz : desci do carro, andei em direção à pequena menina, cautelosamente. O meu olhar estava esperançoso, já o da garota, aflito. Fui me aproximando cada vez mais, andei calmamente em sua direção.

Quando cheguei perto da criança, iniciei uma conversa.

“Oi.”

Silêncio

“Qual é o seu nome?”

“Julia.”

“Prazer o meu é Henrique”

“O que você está fazendo na rua uma hora dessas?”, perguntei.

Não houvera resposta para essa sua pergunta.

“Cadê seu pai? Sua mãe?”

“Morreram.” Foi tudo o que disse.

“E onde você está morando?”

“Lá em casa.”

“Sozinha?”

“Não meu amigo mora comigo.” Respondeu a criança.

“E cadê seu amigo?”

“Está aqui, do meu lado. Não está vendo?”

Não havia nada, mas absolutamente nada do lado da garotinha. Então forcei um sorriso e falei: “Sim... Sim, claro que vendo...”

Pelo visto a garotinha não gostou muito de sua resposta e fechou a cara. Naquele instante fiquei sem entender o que tinha acabado de falar, então disse:

“O que aconteceu? Eu disse alguma coisa que te incomodou?”

“Vocês adultos são sempre os mesmos. Nunca olham além da situação!”, após essas últimas palavras, a pequena deu a mão para seu amigo imaginário e saiu andando.

“Uau”, pensei “fortes palavras ditas por apenas uma criança...” De repente comecei a sentir algo estranho dentro de mim, não sabia definir o que era, mas sabia que um sentimento, um afeto muito grande por essa garota foi surgindo dentro de mim.

Abri a porta da casa cautelosamente, para não fazer barulho. Andei em direção ao meu quarto, achava que a casa estaria vazia, silenciosa, mas não estava. Luzes estavam acesa pela casa, escutava um som de água caindo, vinha do banheiro. Subi as escadas sem fazer muito barulho e fui verificar o banheiro, para ver se era minha mãe que estava no banho. Quando abri a porta me deparei que a terrível cena de minha mãe morta na banheira.

Seus pulsos estavam cortados, havia sangue por toda a parte, tinha, também alguns remédios do seu lado, pressupus que tomara estes para se matar. Não estava consciente do que acabará de acontecer, sentei no chão e vi um papel ao seu lado, parecia um carta:

Querido Henrique,

Meu filho querido, meu único filho quero que saiba que você é a coisa mais preciosa da minha vida. Você provavelmente está muito confuso, não sabe o que está acontecendo, mas eu irei te explicar tudo nesta carta.

Primeiramente, me desculpe estar fazendo isso com você.

Puxa, viver sem o pai já é dureza, imagina viver sem seu pai e sua mãe, mas eu fiz isso para de proteger, acredite em mim.

Há muitos anos, eu e seu pai cometemos um crime, um grave crime, mas que por sorte não apareceu nas mídias e nem houveram denúncias pela polícia. Bom, pelo menos achávamos isso. Há mais ou menos dois anos eu e seu pai recebemos uma ligação de um homem que sabia o que nós fizemos e ele não contaria nada pela polícia de fizéssemos um favor muito absurdo: matar uma pessoa. Não aceitamos, falamos que poderia contar para a polícia, fazer o que quiser. Porém, ele não aceitou não como uma resposta e disse que um dia ele retornaria em nossas vidas, e esse dia chegou.

Por volta de um mês atrás eu recebi um telefonema, anônimo, mas pude reconhecer a voz. Era ele. Tive que me matar, senão ele iria atrás de você, e te garanto que você não iria gostar disso.

Então filho, me desculpe, mas tive que fazer isso para o seu bem. Saiba que eu te amo muito e que sempre estarei pensando em você. Seu tio, Paul, irá te buscar amanhã para você morar com ele, sim ele sabe sobre essa história.

Estou te aguardando aqui no céu,

Com carinho, Mamãe.

A PRIMEIRA VEZ DE MUITAS

Thomas Markus Sautchuk

Lá estava eu, em minha casa assistindo a mais um jogo do São Paulo no sofá da sala. Gritava, cantava como se estivesse dentro de um estádio, algo que nunca havia feito. Ver uma partida de futebol de perto a beira do gramado. O fato de que eu nunca tinha visto um jogo na beira do gramado nunca havia me incomodado mas sempre faltou este gostinho de pular e gritar no estádio ao lado de desconhecidos diferente de como era na minha casa.

Ao término da partida, o narrador falou que o próximo jogo do tricolor seria em São Paulo, mais especificamente no Morumbi, nossa casa. Seria um duelo perigoso contra o Santos. Analisei e vi que seria a oportunidade perfeita para ser a primeira vez que eu iria ver o meu time do coração de perto.

A chance de ir ao clássico estava perfeita. Convidaria a pessoa que me mostrou o futebol pela primeira vez na minha vida, meu pai, assim tinha toda a certeza de que ele iria concordar com minha ideia de comprar os ingressos para o confronto. Então peguei o telefone, sentei na cadeira do lado da mesa e disquei o número dele, quando meu pai atendeu disse minha ideia, tinha certeza de que eu iria concretizar o meu sonho de ver um jogo de futebol. Já meu pai não concordou muito com a ideia em virtude de achar a partida muito violenta para ser a minha primeira vez em um estádio. As palavras mencionadas pelo meu pai me doeram de forma como nunca outra já havia doído. Chorei, chorei mais uma vez e mais uma. A negação ao meu pedido me abateu de forma que não acon-

tecia há tempos.

A situação me fez ficar triste a semana inteira. Mesmo na aula de Educação Física, minha favorita, não sorri. Fiquei parado sem reação somente pensando o quanto seria legal ir ao jogo. O último dia da semana havia chegado. Mesmo com isso não consegui me alegrar, até que cheguei em casa após a aula e vi meu pai sentado no mesmo lugar em que havia ligado para ele. Normalmente, meu pai não estaria ali, só iria vê-lo no dia seguinte. Todavia ele estava lá, sentado a minha espera. Caminhei até ele e perguntei o porquê dele estar ali. Ele nem respondeu só

levantou sua mão com o par de ingressos na mão. A felicidade que subiu em mim naquele dia foi absurda! Com certeza, um dos melhores dias da minha vida...

O dia do sonho chegou, o dia em que iria ver craques como Rogerio Ceni, Ganso, Lucas, Luis Fabiano e muitos outros. Saí de casa com um sorriso de orelha a orelha. Cheguei ao estádio, olhei o lugar, e dei um abraço enorme em meu pai, trocamos olhares e não falamos nada. Todavia tenho certeza de que ele sabia o que eu estava pensando naquele momento.

O confronto deu início e eu completamente animado, pulando, gritando, xingando, tudo o que se pode imaginar, nada podendo me abalar. Nada até o que ocorreu, gol do Santos numa grande bobeadinha da defesa. Mas mesmo assim não desistimos. A torcida continuou a apoiar, no entanto os jogadores não estavam fazendo a parte deles. Perdiam gols, erravam passes, contudo eu continuava alegre. Ria, brincava, era uma oportunidade ótima. Naquele dia, eu estava

perto das duas coisas que mais me alegravam. O esporte e a família.

No final, perdemos o jogo, mas percebi que o mais importante não foi a partida e sim o que ocorreu lá, um momento lindo com meu pai. Realizei meu sonho de ir ao estádio então foi algo sensacional! Lembro como se fosse ontem...

MELHOR AMIGO DO HOMEM

Thomas Michael Cruz Lutes

Estávamos conversando há horas, em um bar que ficava na intersecção entre “Queen” e “Danfourth”. Era nosso terceiro ano da UFT e já havíamos desenvolvido nosso próprio ritual: depois de cada prova, íamos a esse bar e gastávamos todo o dinheiro que havíamos ganhado no mês. Nessa ocasião, estávamos bem, tínhamos, ao todo, 300 reais. Após algumas horas e vários shots, chegamos no assunto de amigos de infância. Estávamos em três essa noite: eu, o Luke e o Finn. Eu comentei de um amigo que havia morado na mesma rua que eu, e o Luke falou de um velho que havia conhecido, chamado Ben. Aí chegou a vez do Finn:

“Quando eu era pequeno, adorava cachorros, e sempre sonhava em ter um. Após vários anos, meus pais cederam, e começamos a longa procura pelo filhote perfeito.

Havíamos dirigido por horas, até que, finalmente, chegamos ao lugar certo, Osasco. Um amigo dos meus pais conhecia um criador de lá e fomos à sua procura. Quando entramos em sua casa, logo vimos sete pequenos filhotes de pugs, e passamos o resto da noite decidindo qual seria o novo membro de nossa pequena família (se pudesse escolher, escolheria todos).

Durante os primeiros anos, mesmo amando o pug, brigávamos muito com ele porque roía as plantas, roubava os sapatos, e pelo fato de eu às vezes esquecer de encher seu pote de água..., mas ele logo se acostumou às novas regras. Por vários anos, não tivemos

problemas, até que um dia compreendemos algo diferente em nosso cachorro.

Quando Brover virou 8, percebemos que ele estava tendo dificuldade para respirar, então o levamos para o veterinário, que pediu para que marcássemos uma consulta para ele tirar um raio x do pug. Todos nós ficamos muito aflitos, mas achávamos que não resultaria em nada.

Ficamos alguns meses dando vários remédios a Brover, e o levando a vários médicos. Mas todos acabaram dizendo a mesma coisa: não tinha mais o que fazer, o tumor estava muito grande, e teríamos que sacrificá-lo. No seu último dia, fizemos uma festa e demos a ele vários hambúrgueres, depois conversamos e rimos muito. Após isso vieram vários de seus amigos, e podíamos ver, atrás da felicidade, o medo na sua cara. Ficamos todos agarrados, juntos ao Brover, até que veio o médico e disse que estava tudo pronto. Foi nesse dia que perdi meu melhor amigo.”

Ao acabar seu desabafo, meu amigo começou a chorar, e eu fiquei com uma cara meio idiota, sem saber o que fazer. Depois de algum tempo, consegui gaguejar a resposta: “ Você está bem? ”. Mesmo sabendo que era uma pergunta idiota. Logo depois, juramos que quando conseguíssemos o dinheiro para um apartamento, juntos, compraríamos um cachorro para cuidarmos.

MINHA PRIMEIRA MORTE

Tiago de Almeida Chadarevian

Numa noite, eu estava numa rua vazia voltando para minha casa quando eu escutei um berro vindo de um beco, fui ver o que estava acontecendo. Eu me deparei com um homem alto e forte apontando uma arma para um homem já idoso e berrando:

— Passe tudo que você tem!

O senhor mal conseguia falar e parecia muito nervoso, suas mãos estavam trêmulas, eu conseguia sentir a sua preocupação em seu olhar. Então, com uma voz baixa e gaguejando ele falou:

— Tome, isso é tudo que eu tenho. - Disse o homem dando uma nota de dez reais.

Muito irritado, o ladrão pega o dinheiro e, sem pensar duas vezes, atira no velho homem. Eu vejo o corpo caindo no chão e o sangue escorrendo. Sem se comover, o bandido guarda a sua arma e sai correndo.

Chamei os bombeiros, mas não chegaram a tempo e não puderam impedir uma morte.

Por muito tempo, fiquei me culpando por não ter impedido aquela morte, tudo que eu via eu me lembrava do barulho da arma, do corpo caindo e do sangue escorrendo.

Fiquei me imaginando salvando o pobre homem e impedindo sua morte.

Foi assim que eu vi a minha primeira morte.

DING DONG

Valentina Andreatta Dutton

Em volta da mesa da lanchonete da escola, Carlos e Bolacha ouviam minha história com atenção. Eu, de gesso no braço, contava altas aventuras (com alguns detalhes extras para dar um toque especial), enquanto Marcelo, com um band-aid enorme no pé, balançava a cabeça fingindo não prestar nenhuma atenção.

– Me lembro da primeira vez que quebrei o braço como se fosse ontem. – suspirei.

– É porque foi ontem.

– Cala a boca, Marcelo!

– Continua contando. – pediu Carlos.

– Mas conta com todos os detalhes. Os detalhes verdadeiros.

– Cala a boca, Marcelo! Ok, vou contar, mas não me interrompe.

“– Sádico. – Marcelo gemeu de dor, tentando se levantar.

– A culpa não é minha se você não presta atenção em nada.

– Sadismo idiota.

Está aí uma palavra que ouvi minha vida inteira: sádico, preferida por diferentes pessoas (incluindo familiares). Segundo o dicionário, sádico é: ‘aquele que pratica sadismo’. Para aqueles (burros) que não sabem, sadismo, também segundo o dicionário, é: ‘perver-

são dos que gozam do sofrimento alheio.

Não sou sádico. Não mesmo, nem um pouquinho. Sou só uma pessoa que consegue se divertir com qualquer coisa, até mesmo com a dor de outras pessoas. Isso não é uma coisa boa? Significa que não estou deprimido ou coisa parecida. Mas fala a verdade, quem nunca riu daquele tio mala caindo da cadeira na noite de Natal?

Quando era pequenininho, todo domingo nos reuníamos na casa de minha avó. Brincávamos o dia inteiro e, depois do jantar, assistíamos ‘Domingão do Faustão’, já que não tínhamos TV a cabo. Eu amava as ‘Vídeo Cacetadas’, achava a maior graça. Toda vez eu ria de um gordinho se estatelando e, toda vez, minha mãe dizia:

– Você só ri porque não é com você.

No colégio, eu era o amiguinho sacana; colocava o pé na frente das pessoas só para vê-las caindo e poder rir da cara delas. Elas sempre viravam para mim e diziam:

– Sádico!

Nas reuniões de família, era a mesma coisa. Só bastava um primo distraído, um pé (meu) e um tombo (dele) para eu chorar de tanto rir. Os velhinhos, não. Sempre tive o maior respeito. Nunca colocava o pé para eles tropeçarem, eles já caem sem minha ajuda. Só aí eu ria. E, como sempre, me chamavam de sádico.

Numa dessas reuniões, minha avó me chamou num canto.

– Filho, você precisa parar com essas brincadeiras sem graça.

Um dia alguém pode se machucar feio.

– Ai, vó! Deixa disso. É só uma brincadeirinha de nada. Ninguém vai se machucar.

– Olha, menino, minha vó, sua tataravó Joelma, sempre me dizia uma coisa: tudo o que faz ding, um dia faz dong.

– Mas, vó, o que isso quer dizer?

– Que tudo o que você faz volta para você.

Foi praticamente isso que aconteceu ontem.”

– Qual parte? A de alguém se machucar ou a de tudo o que você fizer voltar pra você? – Bolacha interrompeu.

– As duas. – Marcelo respondeu por mim.

– Marcelo, cara, quantas vezes eu já te pedi pra...

– Calar a boca. Umas três desde que a gente se sentou.

– Para com isso e continua contando – Carlos falou.

– Tá.

“Lá estávamos nós. Eu e Marcelo voltando da escola a pé. Tínhamos perdido o ônibus por causa do Marcelo aqui.”

– Foi VOCÊ que ficou de papo com a Bianca na saída!

– Tanto faz.

“Distraído, conversando comigo sobre garotas, Marcelo andava sem olhar o caminho. Eu já estava preparado para soltar uma

boa gargalhada, prevendo o inevitável encontro de Marcelo da Silva com seu amigo, o chão.

Eu devo ser um vidente mesmo, porque no chão, com o pé todo ensanguentado ao lado de duas pedras bem grandes, seu chinelo preso entre elas, meu amigo me xingava, enquanto eu ria e ria.

Depois de uma parada rápida na farmácia para comprar um pacote de band-aids, continuamos nossa jornada rumo à minha casa. Batemos um papo, Marcelo me xingou mais um pouco, tiramos uma selfie. Foi lá perto do bar do seu Manoel que eu tive a brilhante ideia de exibir minhas habilidades. Subi no muro daquele terreno baldio na calçada oposta ao bar e caminhei por cima dele.

– Seu idiota, desce daí! Marcelo gritou do chão.

– Não.

– Olha, se você cair eu não vou te ajudar e ainda vou rir muito.

Algum poder divino atendeu aos pedidos de meu não-tão-amigo-assim e, meu peso adicionado ao poder da gravidade, me levou ao chão, fazendo com que eu caísse em cima do meu braço. Eu só ouvi um crack! e uma gargalhada.

Marcelo ria. E ria. E ria. Acho que foram anos de risada acumulados. Eu fiquei com raiva, com tanta raiva! Acho que é assim que as pessoas se sentem quando eu rio delas. Lágrimas se formaram nos meus olhos, não de dor, mas de raiva. Não pude me segurar e, lá do fundo do meu fígado, gritei:

– Sádico!”

– Desde esse dia, eu nunca mais ri de ninguém.

– Mentira! – Marcelo exclamou indignado – Primeiro, isso aconteceu ontem, nem deu tempo de nada; e segundo, ontem mesmo você riu de alguém.

– Ah, é?! De quem então, bobão?!

Marcelo deu um sorriso maligno antes de responder:

– Do seu tio caindo da cadeira.

Carlos e Bolacha riram tanto que até começaram a lacrimejar. Depois de conseguir respirar, Bolacha deu uma tapa em minhas costas e disse:

– Algumas coisas nunca mudam, não é mesmo?

SER IGUAL É DIFERENTE

Veronica Bagnoli D'Amore

Estava andando no parque, esperando por ela, o que não era uma novidade, já que ela nunca chegava na hora certa. Entrei no meio das árvores da floresta do Parque Villa Lobos, andei uns 15 metros e me sentei. Além de atrasada, ela era muito perdida. Já havia explicado onde iríamos nos encontrar ao menos três vezes. Esperava que ela tivesse entendido. Coloquei os fones de ouvido e liguei o volume no máximo na minha música favorita, 505 da banda Arctic Monkeys. Encostei-me em um tronco, e esperei. Sempre encontrava ótimos esconderijos para nossos encontros.

Estávamos namorando há quatro meses, e mesmo que fosse um relacionamento demasiado secreto, era o meu primeiro, e isso o tornava especial. O primeiro amor correspondido, aos 17 anos.

Recostei-me no tronco, e pensei no que ela teria dito para seus pais, mais especificamente, para sua mãe. Eu sabia que a mulher não gostava de mim, ela me dizia, nas raras vezes em que eu ia em sua casa, que achava nossa “enorme diferença de dois anos” um pouco demais para sua filha de 15 anos. Mas isso era o que ela dizia para mim, porque, para minha namorada, falava que tinha medo das más influências que eu estaria passando para ela, que eu confundia demais sua cabeça, que eu a estava convencendo de que ela era algo que não era, e chegava até a dizer que eu não merecia que ela me amasse, porque eu não era normal. Esse tipo de comentários já haviam me chateado muito, mas não mais. Eu só parei de me importar. Enfim, elas brigavam muito por causa disso, e eu ainda não

entendo como a mãe dela não via, ou não queria ver, o quanto eu amava sua filha.

Fechei os olhos e estiquei as pernas por cima da grama. Ela estava meia hora atrasada. Típico. Desliguei meu iPod, já escutara todas as melhores músicas duas vezes.

De repente, ouvi o farfalhar das folhas atrás de mim, e Ela apareceu, afastando os galhos do rosto.

- Meu Deus! Esse lugar é muito cheio de folhas! Quase não te acho, e para piorar, meu celular está sem bateria. Minha mãe vai me matar.- disse Alice, vindo até mim e se sentando no meu colo.

- Quando você disse que ia continuar me vendo, o que sua mãe disse?- perguntei ajeitando-me no chão.

- Ah, o de sempre. Que você não é boa companhia, que está me afastando dos meus objetivos (que por sinal eu nem sei quais são), e esse monte de besteira que ela sempre fala.- ela fez um sinal de desprezo com as mãos e continuou- mas ela só fala essas coisas por falar, para manter uma falsa esperança de que ela vai “me botar juízo”. No fundo, ela sabe que nem adianta mais, não vou ouvir mesmo.

- Nossa, já que você não se importa com a opinião alheia sobre o nosso namoro- provoquei- que tal marcarmos num local um pouco mais... Público da próxima vez?

Ela parou de sorrir e olhou para as mãos. Tudo bem, eu sabia que estava colocando o dedo na ferida, mas já cansara de esconder de todo mundo que eu namorava. Que eu amava alguém, e que essa

pessoa me amava também. Infelizmente, não era tão fácil assim.

- Eu também quero contar pros meus amigos, quero colocar nas redes sociais, quero gritar pra todo mundo ouvir... Mas eu não sei se consigo arcar com as consequências. Você sabe como são as pessoas da minha escola...- ela me olhava fundo nos olhos.

-Você tem medo, não é? Do que vão dizer, do que vão pensar. De verdade? Danem-se eles! Se são seus amigos de verdade, eles não vão nem se importar. Eu passei minha vida toda me escondendo, até dos meus pais, até agora. Só que eu cansei. E cansei mesmo. Sei que eu tive muito mais tempo do que você para pensar sobre isso, mas eu te prometo, sua vida vai ser tão melhor... Vem, faz isso comigo, vamos fazer isso juntas. Eu pedi, me sentindo completamente aliviada por poder falar tudo aquilo pra alguém.

Alice me encarou por um tempo, sustentei o olhar. Ela me deu um beijo na bochecha e se levantou. Estendeu-me a mão e disse com um sorriso:

— Tudo bem, vamos. Vamos fazer isso juntas, vamos sair daqui agora, Gabi.

E, então, nós saímos, em busca de nossa liberdade.

O ESTRONDOSO SILÊNCIO

Victor Augusto Pires Danilevicz

Na época, ainda era jovem, tinha apenas 22 anos; Apesar disso já tinha passado por experiências marcantes, a mais maravilhosa e difícil, foi minha precoce gravidez; Tinha só 18 anos, estava em um relacionamento fazia três meses com o pai, um rapaz que logo após receber a notícia, me abandonou.

Venho de uma família tradicional e religiosa, assim que souberam da notícia, me julgaram, meu pai quase me expulsou de casa; Se não fosse por minha mãe não sei onde estaria hoje.

Na época tinha acabado de ingressar na faculdade, tinha prestado vestibular e, passado logo no primeiro ano de tentativa, sempre fui muito dedicada aos estudos, já que meu pai era muito exigente, ele sempre foi um homem totalmente dedicado ao trabalho, de pouquíssimas palavras, já minha mãe sempre foi dona de casa, muito comunicativa e extrovertida, mas apesar das diferenças entre os dois, sempre tiveram uma relação saudável e amorosa, como eu havia dizendo passei na Universidade de São Paulo, eu e meus pais estávamos muito felizes, até que veio a surpresa... Não que deixei de ser feliz por causa disso, mas tive, que após o parto, abandonar os estudos para me dedicar ao bebê.

Desde então, vinha procurando na companhia masculina, um companheiro, que pudesse dar amor e carinho a mim e minha filha. Estava tendo uma vida dedicada a meu bebê, raramente ia a festas ou boates para me divertir com meus amigos. Até que um dia che-

gou o aniversário de uma amiga que havia conhecido nos tempos de colegial; Como fazia tempo que não saia de casa para me divertir, resolvi ir à tal festa.

Logo no início da festa, conheci Paulo, amigo de minha amiga aniversariante, um homem forte, alto, bonito; ele se aproximou de mim e aí começamos a conversar, ele pareceu um cara simpático e com várias semelhanças, como gosto para culinária e viagens. Trocamos nossos celulares e começamos a conversar depois da festa via SMS.

Marcamos outro encontro na noite seguinte; novamente ele se demonstrou ser um homem super simpático e elegante. Daí em diante começamos a nos encontrar quase todos os dias, conseguia ver nele o homem que eu procurava um homem que poderia assumir minha filha, ele já sabia do bebê, e encarava o fato normalmente, então decidi investir no relacionamento. Em um mês já estávamos namorando, meus pais ficaram muito felizes com o relacionamento, e com cinco meses estamos morando juntos, tudo parecia estar se encaixando na minha vida, ele vira se tornar um ótimo padrasto para minha filha, e com sete meses já pediu-me em casamento. Casamos no civil e compramos uma casa no subúrbio paulistano.

Nos primeiros meses de casamento, tudo estava maravilhoso, tinha a aceitação de meus pais em relação ao meu casamento, ele provia de muito amor e carinho a mim e minha filha. Mas após três meses de casamento percebi que Paulo estava um pouco diferente, começava a me dar ordens; Não me agredia fisicamente nem nada,

estava fazendo um jogo psicológico comigo; Achei que poderia ser apenas uma fase, um momento ruim no trabalho, afinal, não era esse o Paulo que conhecera um ano atrás, e nem o padrasto de minha filha

Más essa situação não melhorava, e tudo ainda piorou quando engravidei novamente. Ele não tinha mais carinho comigo, cheguei ao ponto de entrar sozinha na sala de parto, o que resultou em uma depressão pós parto. As ofensas só pioravam, ele me deixava esgotada, me dando ordens e me ofendendo.

Apesar de ser dona de casa, tinha ajuda de uma babá, Cida, ela já tinha virado minha amiga e, ao perceber minha difícil situação, decidi então me abrir com ela, foi então que ela me disse que já tinha passado pela mesma situação, para enfrentar o marido, teve de prestar boletim de ocorrência, conseguiu então o divórcio e, a proteção da lei Maria da Penha, que determinava que seu ex-marido não poderia chegar perto dela. Procurei também alguns relatos na internet de mulheres que passaram pela mesma situação que estava passando.

O problema foi que, mesmo estando nessa situação, minha filha e minha família achavam que Paulo era o homem ideal para minha vida.

Até que um dia recebi uma ligação do Instituto da defesa à mulher, era uma moça fazendo uma pesquisa, perguntou meu nome, minha idade e, então perguntou “ Você poderia me dizer se você já sofreu de algum tipo de violência doméstica por parte de um familiar? Comecei a chorar e, após alguns segundos, gritei “Sim!!Sim!!”.

Aquilo me fez refletir sobre que rumo minha vida estava seguindo, e percebi então de que deveria cometer outro grande erro na vida, e que ainda restava tempo para mudanças. Depois de dois dias tomei coragem e denunciei meu marido; Foi uma das melhores decisões de minha vida; Após muita luta consegui o divórcio e, a proteção da lei Maria da Penha.

Ninguém merece sofrer, muito menos calada.

CRÉDITOS

Direção

Regina Scarpa

Coordenação

Vera Conn

Orientação

Maria do Carmo G. Kopp Silva

Professora

Marilda Cabral

Edição e design

